

Zobias Barretto de Menezes (1)

O CRITICO

Charles Marlato, falando corajosamente da evolução dos sentidos—que nos põem em contacto, por si e por seus órgãos, com o mundo exterior,—diz que o seu numero, e, por consequencia, as impressões physicas ou as idéias que delles decorrem, não podem ser limitados. Emquanto nós possuímos cinco sentidos perfeitamente caracterisados, outros seres, muito inferiores na escala da zoologia, não têm aparentemente senão um—o tacto, que é o sentido primordial, gerador de todos os outros.

Se a physica moderna poudé estabelecer que todos os phenomenos da natureza : a luz, o som, o calor, a electricidade, são apenas manifestações do movimento ; do mesmo modo

(1) O presente artigo faz parte de um livro sobre o autor dos *Estudos Allemães*. Em numeros anteriores desta *Revista* já foram publicados dois outros capitulos hoje refundidos e augmentados.

podemos affirmar que a vista, a audição, o olfacto, o gosto não são mais do que modalidades de um sentido primitivo—o tacto.

Os primeiros organismos vivos que, ha centenas de milhões de seculos, foram nossos antepassados, como o protoplasma e as monéras, contentavam-se com o sentido do tacto para o exercicio das funcções alimentares.

Foi muito depois, devido principalmente á influencia da luz, que o sentido da visão se formou, e, assim, em proporção, os outros.

Vê-se do exposto que os sentidos não se fizeram para todos os animaes em um dia biblico do Genesis e que elles soffrem, por sua vez, a influencia da lei da evolução; e, dahi, se alguns seres simples os possuem em menor numero, os mais desenvolvidos na serie podem tel-os em gráo maior, na intensidade e na extensão.

E' certo, accrescenta Charles Marlato, que a maior parte das pessoas, não imaginando quaes seriam esses novos sentidos, se obstinam em recusar a sua possibilidade, o que pouco importa, porque a logica não deve ser o resultado da somma de opiniões.

E o illustre escriptor conclue sinceramente:—«E' facil de conceber que, se os cegos e os surdos de nascença não têm uma ideia da vista e das ouças, esses outros cegos não podem tam-bem entrever os novos sentidos em formação.»

Entretanto, não é um absurdo.

Os pombos, soltos em regiões desconhecidas, encontram a direcção dos seus pombaes de que estão muitas vezes separados por distancias enormes; as andorinhas, que emigram em certo periodo e depois voltam ao seu paiz

de origem, devem obedecer a um sexto sentido de que a existencia não pôde ser posta em duvida.

Para o auctor citado, embora seja uma opinião toda pessoal, como elle proprio confessa, os phenomenos de ordem psycho—physiologica que deram nascimento ao espiritismo, ás theorias theosophistas e outras, são, talvez, a revelação de um sexto sentido, em germen, n'uma parte dos seres humanos, aquella que comprehende os individuos mais vibrateis ou mais aquinhoados de sensibilidade nervosa, dos quaes, fóra as explorações da ignorancia e do charlatanismo, se destaca por vezes uma força productora de effeitos mechanicos.

Nossos sentidos, portanto, originados de um só, podem engendrar outros e, assim como as ideias que são o resultado das relações entre o nosso meio interno e o mundo exterior, augmentam proporcionalmente ao numero dessas relações, do mesmo modo succede com os sentidos que servem para as estabelecer.

D'ahi, conclue Marlato, é claro que individuos dotados de seis, sete, ou dez sentidos abrangeriam muito maior numero de conhecimentos do que nós, ou, accrescento eu, teriam, por isso mesmo, a esphera de acção muito mais larga.

Mas a verdade é que elles existem—e formam o contingente dos intellectuaes,—individuos que, dispondo de elementos de conquista para vencerem as resistencias da hereditariedade e do meio—pelos impulsos da intelligencia e do character, constituem as forças vivas da civilização.

Elles apparecem, na expressão do auctor citado, como os seres que a paleontologia de-

nominou *especies propheticas*, os quaes, em epocas prodigiosamente recuadas, em que animaes disformes pisavam a crosta de terrenos apenas emergidos, surgiam isoladamente, por excepção, para logo se extinguirem, suffocados por um meio ainda hostil ao seu desenvolvimento.

Os homens enriquecidos por novos ideaes e superabundantes de energia estão sujeitos ás revoltas misoneisticas do seu meio, como as *especies propheticas*, anteriores ao apparecimento da humanidade, succumbiam sob a dentuça dos ichtyosauros estupidos e macissos.

E Charles Marlato, que é um filiado á Anarchia, restringe as conclusões das suas premissas aos moldes estreitos da seita, comprehendendo na categoria desses typos notaveis cinco ou seis dos seus correligionarios aureolados pelo martyrio :—Augusto Spies e Richard Parsons, enforcados em Chicago pela explosão de uma bomba, do que elles não foram causadores; Emilio Henry, de que a sensibilidade fôra absorvida pelo esforço da intelligencia, guilhotinado antes dos vinte e um annos; Augiolillo, «o mais commovente desses pensadores tragicos, jovem, bello e de uma cultura profunda»; Etievant, «obreiro que se instrue e reflecte, e sendo revolucionario, puritano e philosopho, se torna assassino por bem da humanidade».

Eu julgo melhor procurar exemplos fóra do circulo estreito das seitas ou no terreno neutro da sciencia, em qualquer das suas ramificações. Sirva-nos de termo de comparação a anatomia humana. O seu primeiro representante foi Hippocrates, de Cós, o mais famoso medico da antiguidade, e depois d'elle Galeno, ambos adqui-

rindo a maior parte dos seus conhecimentos, não pelo estudo do corpo humano, o que então era rigorosamente prohibido, mas pela observação dos macacos e de outros mamíferos approximados.

Muitos seculos se passaram depois destas experiencias primitivas, sem que os Papas, interessados em manter a humanidade na ignorancia de suas origens, permittissem alargamentos sobre o assumpto.

Mas veio a *Reforma* desthronar a tyrannia intellectual do Papado, veio o systema do mundo, de Copernico, quebrar a velha concepção geocentrica, poderoso auxiliar da Igreja, e os grandes anatomistas Vesale, Eustaquio e Fallope obtiveram, por suas proprias experiencias, taes progressos para a anatomia que os seus successores, segundo a opinião de Hæckel, não tiveram mais do que junctar pormenores aos pontos essenciaes.

E tanto Vesale foi um revolucionario, lutando contra os preconceitos dos seus contemporaneos, que depois foi perseguido pela Inquisição na Hespanha e condemnado á morte, condemnação de que só escapou por meio da fuga, indo acabar miseravelmente os seus dias na ilha de Zanta, em seguida a um naufragio.

Elle foi, incontestavelmente, segundo o prova o venerando sabio de Iena, o precursor corajoso daquelles que, no seculo XIX, crearam a *Anatomia comparada* e a *Histologia* ou *Anatomia microscopica*, de que resultou a certeza de ser o homem da ordem dos *vertebrados*, possuindo como esses os caracteres especificos, tanto no conjuncto quanto nas particularidades da sua constituição; um *verdadeiro Tetrapode* pela disposição typica das articulações e dos

ligamentos dos musculos e dos nervos; um verdadeiro *Mammifero*, externamente pela presença de duas especies de glandulas cutaneas— as sudoriferas e as sebaceas, além do *revesti-mento dos pellos*, e, na organização interna, pela presença do *diaphragma* que separa a cavidade thoraxica da cavidade abdominal; um verdadeiro Placentaliano, porque apresenta o orgão caracteristico d'esse grupo—«o bolo materno» ou *placenta*; um *primata* pela identidade de caracteres anatomicos importantes; um proximo parente dos macacos anthropoides, porque uns e outros têm nos pontos essenciaes a mesma conformação, ou, por outra, «os mesmos duzentos ossos no esqueleto interno, os mesmos trezentos musculos presidindo os movimentos, os mesmos pellos, os mesmos grupos de cellulas ganglionarias que constituem o cerebro, o mesmo coração com as quatro cavidades que lhe servem de bomba central na circulação do sangue os mesmos 32 dentes, as mesmas glandulas salivares, hepaticas e intestinaes, os mesmos orgãos de reproducção.»

Não é possível esquecer que o famoso Cuvier, Meckel, Owen, Muller, Huxley, e Gegenbaur, no terreno da anatomia comparada, Schleiden, Schwann, Kölliker, Virchow e Leydig, estudando a theoria cellular por meio do microscopico, alargaram em todos os sentidos o conhecimento da estrutura do corpo humano no seculo XIX, combinando por meio da *historia do desenvolvimento da cellula* a theoria de Siebold, em que os seres inferiores, os infusorios e os rhizopodios, são considerados como *organismos monocellulares*.

Tomemos outro exemplo:—o tractado das *Revoluções Celestes de Copernico*. No seu

tempo, era admittido ainda o systema de Ptolomeu, que assegurava a immobilitade da terra e tinha a seu favor a opinião prestigiosa de Aristoteles. Mas a verdade é que, se o grande sabio, admittindo a hypothese do movimento da terra, operou uma transformação profunda nas ideias correntes, não teve, em todo caso, a gloria da descoberta, porque, muito antes d'elle, na antiguidade grega, os pythagorianos já a tinham sustentado.

Ora, os pythagorianos tiveram incontestavelmente nesse ponto o valor das *especies propheticas* a que se refere a Paleontologia, ou, insistindo na minha phrase anterior, possuiram um sentido a mais no conjuncto das suas aptidões physio-psychicas.

Costuma-se designar, na falta de melhor nome, esse conjuncto de aptidões exceptionaes com o titulo de genio, mas o genio é alguma cousa de insondavel que ainda não teve uma verdadeira explicação scientifica; é, porventura, o sexto sentido que ainda não foi descoberto e accentuado.

No entanto, o homem é um producto da sociedade em que nasce, trazendo no temperamento e no character os velhos habitos e as maneiras de ser dos seus ascendentes.

São esses habitos e essas maneiras de ser, ou, em outros termos, são as hereditariedades e os atavismos que o prendem ao meio, como as raizes prendem as arvores ao solo.

Todo homem, diz Enrico Ferri, tem uma personalidade physica e psychica, que é fundamentalmente determinada pela hereditariedade physio—psychica, desenvolvendo-se depois e modificando-se ao influxo do meio; personalidade que, sobretudo no ponto de vista da vida af-

fectiva, persiste como determinante inexoravel da sua conducta ou do seu modo pessoal de reagir contra as condições ambientes.

Se tomarmos dous arbustos da mesma especie e variedade e os plantarmos no mesmo campo, sob as influencias da mesma atmosphera e com o mesmo adubo, não conseguiremos duas reacções identicas:—um crescerá verticalmente, outro em galhos retorcidos, um terá o aspecto luxuriante da saúde, o outro será fanado e triste.

E' que, accrescenta Enrico Ferri, na ordem dos seres organisados á acção das cousas exteriores se juncta a dos elementos internos ou physiologicos; e, portanto, essas duas series de causas combinando-se differentemente podem dar, e dão na realidade, reacções diversas n'um meio identico.

Se tomarmos, por exemplo, dois animaes veremos que ás duas causas citadas se junctam ainda ás causas psychologicas, sendo natural que, augmentando o numero dos elementos, augmente por sua vez o numero das combinações possiveis.

De maneira que, se nós examinarmos dous homens em periodos differentes de sua vida, veremos que as reacções a uma mesma causa exterior são muito variaveis, não porque no homem tenha nascido algum novo elemento de liberdade moral, mas porque lhe é maior o desenvolvimento dos factores psychologicos de sua actividade.

Todo ser vivo, conclue Ferri, e por consequencia todo homem, tem um modo especial de responder ás influencias exteriores, o qual depende necessariamente destas mesmas condições combinadas com o estado physio-psy-

chologico do organismo, em cada momento de sua vida.

E' esse estado physio-psychico de cada individuo operando differentemente sob a acção do meio, que caracteriza os typos humanos da historia no desdobramento da civilisação.

N'um mesmo centro de actividade humana podemos encontrar representantes desses typos, desde o homem—bêsta, predominante nas eras primitivas e ainda hoje vencedor nas raças negroides, passando para o homem machina que ainda não conseguiu a consciencia de sua individualidade ou não soube armar-se da coragem de querer e de agir, até chegar a um nucleo superior e resumido—o dos intellectuaes, que constituem a excepção.

Dahi a distancia que vae de um Spencer, de um Huxley ao ser miseravel que vive na atmosphaera nauseante dos quilombos africanos ou sob a pelle de animaes nos gelos da Groenlandia; dahi a differença que existe entre individuos do mesmo centro de vida civilisada, desde o sabio entregue ás suas experiencias scientificas até o simples vagabundo ou criminoso hediondo que, rompendo a linha protectora do direito, vae pedir aos seus avós remotos os instinctos carnivoros ou as causas de degenerescencia.

E' que nas sociedades humanas, se uns obedecem exclusivamente ás forças conservadoras da hereditariedade, em outros predomina a força evolutiva que Bakounine glorificava sob o nome de espirito de revolta e conduz o individuo á novas pesquisas, fazendo-o adaptar-se ás mudanças do ambiente, ou, então, insurgir-se, quando, presa dos preconceitos misoneisticos, elle se não transforma em tempo.

Os dessa ultima ordem são os que, possuindo em gráo excepcional o fermento da coragem e da generosidade, dispõem, ao mesmo tempo, de um poder intellectual decisivo e intenso para vencer as resistencias physiologicas da herança ou a acção physica e social do meio externo.

Na sociedade brasileira Tobias Barretto foi, no seu tempo, um desses typos de excepção, um predestinado, um antecessor, como os seres a que a paleontologia deu o nome de *especies propheticas*.

E o senso critico foi incontestavelmente o campo de acção em que se desenvolveram os instinctos de combatividade ou a força evolutiva do seu espirito excepcional.

Foi nesse terreno aspero e accidentado que elle combateu os vicios organicos da nossa politica, a mediocridade triumphante, os cacoes dos escriptores aulicos, as pacholices ridiculas de seitas desacreditadas e a falta de bases scientificas das ideias apregoadas nos circulos em voga.



Morto o ardente Castro Alves, e presa de enfermidade incuravel o estimado Victoriano Palhares, estava de todo extincto o triumvirato academico da poesia condoreira.

Amorteciam nas quebradas os ultimos echos das aclamações aos vencedores do Paraguay, e Tobias, entrando na vida pratica, começara a sentir as amarguras do tédio ao ver as coque-

tices com que a fortuna volúvel saúda aos pobres de espirito.

Procurou um pouso de aguiá nas anfractuosidades do seu destino e, no isolamento a que se deu, pôde ver a sociedade, em roda, e estudal-a sem ser visto, como um observador examina por uma fresta as loucuras de um baile carnavalesco.

Por outro lado, no proprio jornalismo academico, elle iniciara uma nova phase intellectual, a phase do criticismo sob a orientação da sciencia.

E aqui vem a proposito uma vista retrospectiva.

O jornalismo academico do Recife pode ser dividido em tres periodos distinctos:—o da politica, o da poesia e o da critica.

O primeiro remonta-se ao velho tempo de Olinda. Factores sociaes diversos, numa phase transitoria de luctas internas para a accentuação da nossa nacionalidade que estivera em termos de fraccionar-se durante o 1.º reinado; a ancia de apparelharem-se os moços para as posições entregues, á mingoa de pessoal idoneo, a incompetentes ou falsos procuradores; e, influindo numa hypothese e noutra, a escassez de preparo litterario, determinaram que o jornalismo academico de Olinda fosse, nos dois primeiros decennios, *chimango* ou *corcunda*, *jacobino* ou *reaccionario*.

Eram esses pequenos jornaes, disse Joaquim Nabuco a respeito de seu Pae n' *Um Estadista do Imperio*,—folhas exclusivamente politicas, contendo apenas dissertações rhetoricas sobre theses constitucionaes e, ás vezes, em paraphos soltos, pequenas verrinas condensadas.

A epoca era revolucionaria, e a penna dos jovens escriptores naturalmente desprendia chispas.

Por isso, accrescenta elle, não se encontra ainda nas suas producções a mais leve preocupação desse talento puramente litterario, que depois se tornará nas Academias a medida intellectual por excellencia e cujas primeiras manifestações na imprensa pernambucana datam de fins do decennio seguinte.

No entanto, se é verdade que esse espirito puramente litterario começou a abrolhar nos fins do decennio seguinte—no *Philodemon*, redigido por João Lustosa Paranaguá, Fernandes da Cunha, Silveira Lobo, Cesar Berredo e Carlos Fernandes Ribeiro, que no artigo de fundo, expondo os intuitos da publicação, dissera: «E' mister que os alumnos do Curso juridico de Olinda contribuam quanto antes com o seu contingente tal ou qual para a gloriosa empresa do derramamento das luzes pelo nosso paiz e promoção de sua civilização»; e no *Poly-mathico*, redigido pelos academicos Raposo da Camara, Ivo Miquilino, A. Rangel, Torres Bandeira, Almeida Castro, Manoel Clementino e outros, que no artigo de apresentação prometiam fornecer aos seus leitores «noções e doutrinas sobre a litteratura e as bellas artes ao lado das noções e doutrinas scientificas»; não é menos verdade que esse espirito puramente litterario só se tornou definitivo e intenso depois da mudança do Curso para o velho par-dieiro da rua do Hospicio.

Com a transferencia para o Recife e, ao mesmo tempo, com a promulgação do decreto de 1854 reformando o ensino, fechou-se o cyclo que deu ao Curso de Olinda o poderoso

espírito de corporação e a febre alta do partidarismo político.

Então, abriu as velas ao vento de feição o bergantim da poesia e da phrase sonorisante.

O *Atheneu Pernambucano*, órgão da sociedade do mesmo nome, collaborado por Franklin Tavora, Prado Pimentel e Theodureto Souto; o *Academico do Norte*, redigido, entre outros, por Jacintho Pereira do Rego, um dos maiores talentos pernambucanos; o *Onze de Agosto*, escripto por Borges Carneiro e Tavares Belfort, e posteriormente *A Revista Academica*, de propriedade e direcção exclusiva d'esse ultimo; o *Preludio Academico* de Mendo Sampaio e Silva Barros; todos esses jornaes representam o periodo transitorio dos parladores, dos que, conforme eu disse na minha *Memoria Historica*, enramavam o espirito com filigranas, confiando muito menos no vigor da sciencia do que nos effeitos decorativos da phrase ou nos fogos de artificio da rhetorica.

Esse periodo exclusivamnte litterario estendeu-se até quasi ao fim do decennio seguinte, prestigiado nos seus ultimos annos pelo brilho e renome da poesia condoreira, que no seu inicio foi representada na imprensa pelo *Academico*, de Tobias Barretto, Jansen Junior e Miranda Osorio, e pelo *Futuro*, redigido por Maciel Pinheiro, Castro Alves, Aristides Milton e Alves Carvalhal.

Foi ainda Tobias Barretto quem abriu o novo horisonte ao jornalismo academico, escrevendo artigos de critica em 1865 no parecer referente aos versos de Paes de Andrade, e dahi por diante nos artigos relativos a Lycurgo de Paiva, Castro Alves, Guisot, accentuando os

seus processos no *São Thomaz de Aquino*, em *Theologia* e *Theodicéa não são sciencias*, no *Julio Simon* e no *Domingos Magalhães*,

E a esse respeito Sylvio Romero diz :
« Pouco importará a allegação de serem esses ultimos escriptos de critica de philosophia e não meramente litterarios; porquanto a existencia nelles das novas doutrinas e intuições, dos novos processos e designios contrarios á rhetorica dos Soterios dos Reis e dos Fernandes Pinheiros, resolve plenamente, ainda n'este ponto, a questão de prioridade em prol do auctor dos *Estudos Allemães* ».

Não ha duvida, portanto, que a phase do criticismo nos jornaes academicos ou o seu terceiro periodo, segundo a divisão que fiz acima, foi inaugurado por Tobias Barretto, embora o tivessem seguido no outro decennio, e com brilhantismo, Sylvio Romero, Celso de Magalhães e alguns outros.

De forma que, se ao entrar na vida pratica o cantor do *Genio da Humanidade* abriu mão do seu estro e foi bater-se com denodo no campo exclusivo da critica, é que já estava armado cavalheiro para aquelle torneio e podia fazer uso das suas esporas de ouro.

★
★★

Foi nesse terreno da critica que o assombroso sergipano se mostrou possuidor do sexto sentido ou do conjuncto de aptidões physio-psychicas a que se dá o nome de genio.

Quer fazendo a critica litteraria, como nos primeiros artigos citados, ou no profundo *Estudo de litteratura Comparada*; quer dando os primeiros ensaios de *critica religiosa* no Brazil, como n'*Os livros Mosaicos*, ou n'*Uma excursão aos dominios da Sciencia Biblica*; quer no campo da critica philosophica, escrevendo a *Theologia* e *Theodicéa* não são sciencias; quer no dominio da critica politica estudando com independencia a *Questão do Poder Moderador* ou o *Parlamentarismo* no Brazil; quer no departamento da critica de arte, no estudo sobre *Carlos Gomes e a sua opera Salvator Rosa*, ou nesse famoso escripto *Alguma cousa tambem sobre Meyerbeer*, analysando um artigo de Taunay, inserto na *Revista Brasileira*, sobre o laureado auctor dos *Huguenotes*; quer nos seus trabalhos de critica do Direito, como nos *Delictos por omissão*, nos *Menores e Loucos* ou sobre a *Codelinquencia e os seus effeitos na praxe processual*; em todos esses ramos do pensamento moderno elle foi um iniciador, lançando em circulação ideias novas e, por aquelle tempo, desconhecidas no Brazil.

Mas o seu merito não esteve somente no facto de ter sido portador de ideias novas; esteve, sobretudo, nos processos de que usou á custa exclusiva da riqueza do seu temperamento, ou da independencia com que do seu reducto reptou e venceu a parvoice dos sabios indigenas, impellido «pelo riso aristophanico, zombeteiro e escarnecedor».

Desses processos elle deu um resumo no artigo em resposta a Escragnolle Taunay—*Ainda alguma cousa tambem sobre Meyerbeer*, quando assim disse: «Dou razão ao Sr. Taunay: não sabe o que é critica; esse mister é

para elle um entretenimento, ao passo que para mim é uma missão.

«Se, como a guerra, a critica tivesse os seus Clauzevits, os seus Harthmans, pudera tambem ser definida:—um acto de força para obrigar o adversario, não de certo ao cumprimento de nossa vontade, mas ao respeito das ideias vigentes, ao conhecimento e intuição da epoca.

«Opino, como o celebre Lassalle, que a critica não deve proceder com o trabalho de cultura intellectual de uma nação, como Penelope com a sua têa, desmanchando de noite o que se fez de dia ; mas tambem não comprehendendo o que seja uma critica bonachona, polida e cavalheirosa, no sentido de guardar reservas e condescendencias em honra das pessoas e com prejuizo da verdade

«Não me é estranho quanto mal se faz a si mesmo, e de que força de animo deve ser revestido o homem que se dedica a tal mister.

«Para que a critica, diz H. Landsmann, fallando de Lessing, se mantenha na altura de sua vocação, para que ella se affirme como um elemento, tão indispensavel ao desenvolvimento espiritual das nações como a propria poesia creadora, é preciso um homem da mais alta coragem moral, um homem a quem não affligem nem desgostam as aggressões pessoas, a que elle inevitavelmente se expõe, ou a quem pelo menos os desgostos não podem curvar.

«Eu não tenho o talento que essa coragem representa, porém tenho a coragem que esse talento presuppõe. No desempenho daquillo que reputo necessario para purificar a nossa atmosphaera, para abrir caminho a uma nova ordem de ideias, pouco me importam os gritos dos Taunays e outros iguaes phenomenos do

demí-monde litterario. Assim, não dissimulo que os meus pobres escriptos trazem sempre uma quantidade de acido, que desagrada ao paladar commum, e, conforme a sensibilidade do offendido, pode tomar as proporções de veneno...

«Mas desde que não viso ser agradável a pessoa alguma, nem me proponho ter entrada no cenaculo de *litteraturiers*, que cercam o honrado Dr. Escragnole de quem, aliás, não sou... *ikanos lysai ton imanta ton ypodematon autou* (é grego), recebo com indiferença o juizo bom ou mau que elle queira formar do meu character e dos meus instinctos».

Ahi estão desenhadas, em todas as linhas fundamentaes, as tendencias irreductiveis desse innovador genial.

Esses pendores, porventura communs hoje aos espiritos livres, tinham um verdadeiro sopro de guerra ha uns tres decennios passados, quando a litteratura nacional vivia na *atmosphera palaciana* de S. Christovão e a critica andava embiocada n'um capuz de freira.

Hoje, que meia duzia de espiritos desabusados dizem as cousas pelo seu verdadeiro nome, podem parecer triviaes aquelles assomos de independencia; mas no tempo em que o Sr. D. Pedro 2.º embasbacava a roda litteraria dos seus cortesãos com as generalidades suggestivas da sua sabedoria e os mysterios insondaveis do seu hebraico, a cousa mudava de figura.

No entanto, devo dizer que, se esse sopro de guerra dos trabalhos criticos de Tobias é, antes de tudo, uma resultante de factores multiplos do seu temperamento, para elle concor-

reu também, com a sua quota parte, a hostilidade do meio social.

Oriundo de família obscura e pobre, e além disso mestiço, ou, por outra, guardando nas raízes hereditárias do seu ser os instintos de revolta das raças subjugadas na formação da nacionalidade brasileira, era natural que, dadas certas condições de hostilidade do meio, ou elle entrasse a fazer parte do rebanho de Panurgio, a exemplo da grande maioria, ou, arrebatando as malhas do redil num rasgo de bravura, reptasse depois os seus oppressores e de sua gente.

Mas se assim o fizesse, confiado só nos impulsos de sua coragem, correria o risco de ser suffocado pelo peso bruto das massas anónimas que servem ao seu dono com encarniçamento.

E' que elle teve, ao mesmo tempo, a coragem moral e o talento, as duas armas a que se referia Landsmann.

Foram essas duas armas poderosas que o tornaram capaz de reagir contra os factores sociais — isolando-se; ou melhor:—foi porventura a acção repressiva desses factores que, encontrando a resistencia excepcional dos elementos organicos do seu character, tiveram como resultado o contra-golpe do isolamento.

E esse isolamento, que é um producto das resistencias da sua indole aos factores combinados do meio social, deu como expoente a sua liberdade de agir, e, ao mesmo tempo, a inteira expansão das suas predisposições congenitas.

Assim, do interior do seu reducto, elle poudé examinar, livre da influencia coercitiva de igrejinhas officiaes e de rodas litterarias ven-

cedoras, as parvoices indigenas e as verdadeiras dimensões dos homens que se haviam tornado os pimpolhos da Fortuna.

Como complemento dessa posição lhe adveio a vantagem de poder dessedentar-se em outras fontes de litteratura e de sciencia, e, por isso mesmo, a certos respeitos bem entendido, um prodigioso e seguro desdobramento de vistas.

De todo esse conjunto de circumstancias physiologicas e sociaes se originaram os seguintes requisitos que foram os caracteristicos de Tobias:—o pendor critico, o instincto de combatividade, o poder penetrante de observador, a liberdade de acção na maneira de julgar os seus contemporaneos e a copia extensa de conhecimentos muito além da bitola do meio indigena.

Tivesse elle o temperamento amollentado dos que procuram o agasalho das *coteries*; houvesse perdido o seu rumo em busca de um Mecenaz que lhe arranjasse as boas graças de Augusto; torneasse medrosamente a barreira das difficuldades com os lugares communs dos elogios em prejuizo da sua identidade litteraria; e não passaria hoje de um escriptor sem feição propria, incluído por convenção de juizes accompadrados, na galeria dos epigonos.

Mas, se esses requisitos lhe accentuaram os contornos da physionomia, e lhe deram um lugar de excepção no quadro geral da litteratura brasileira, faltou-lhe, por isso mesmo, a serenidade que a coragem moral, de que Landsmann fallava, não exclue.

O critico deve ter a bravura e o sangue frio de um duellista, que se submete ás regras da etiqueta sem esquecer o rigor das estocadas.

Tobias não tinha esse sangue frio, nem se preocupava com as regras preestabelecidas nos combates singulares, e tanto se batia com um florete, como a bordoadas de cachamorra ou a golpes de navalha.

O seu assalto contra o inimigo não obedecia ás formalidades do duello, nem mesmo ás do encontro pelas armas; era simplesmente o ataque, em carga cerrada, e apenas precedido do aviso ao adversario para que se puzesse em guarda.

Max Nordau, prefaciando o seu livro—*Vus du dehors*—diz que o critico estrangeiro se assemelha á posteridade, porque elle não conhece os homens de cujas obras faz a analyse, não soffre a influencia de sua personalidade, não pertence a esse ou áquelle grupo, não tem odios a satisfazer ou favores a pedir, e, por isso, pode, sem esforço, julgar com imparcialidade.

Mas o caso aqui é outro. Se Tobias podia ser considerado um critico estrangeiro pelas differenças dos seus processos comparados com os que estavam em voga no Brazil de então, o facto é que os seus assomos de iniciador e os seus instinctos de revolta, estimulados pelos ataques que elle recebia de toda parte, dos descontentes e prejudicados, lhe trouxeram por vezes a espuma do odio ao bico da penna.

Entre as cataplasmas e os emollientes, que eram de uso na therapeutica da critica brasileira do seu tempo, e o emprego dos revulsivos, elle preferiu o segundo systema.

Assim julgou preciso e assim o fez.

Todavia, devo dizer que se, naquelles dias muitas das suas censuras pareceram exageradas, hoje, postos á margem alguns trechos em que

se encontram acerbos referencias pessoas, a opinião é outra.

Examinemos o seu estudo a respeito do *Romance no Brasil*.

Os conceitos ali externados sobre o romance nas diversas especies e variadas ramificações, prejudicando por sua expansão absorvente a epopeia, a lyrica e o proprio drama; as affirmações a respeito do papel do romance *historico, social, politico, artistico, de familia e de salão*, representados por uma somma de obras que o leitor de maior constancia seria incapaz de ler durante a vida, não podem ser contestados.

Mas se esses assertos poderiam passar despercebidos aos adoradores dos deuses indigenas, o mesmo não succede com o trecho seguinte: «Ao passo que o romance geralmente se tornou o centro de operação, em materia litteraria; quando todos os paizes que tomam alguma parte no convivio internacional do espirito moderno, obedecem, sob esta relação, á tendencia dominante, e dão indicios frequentes de vitalidade, é *ahi mesmo que o Brazil se accusa da mais profunda e lastimavel penuria*».

Por mais verdadeiro que nos pareça hoje, principalmente depois de terem surgido especimens de outra enfiatura, como o *Matuto*, de Franklin Tavora, o *Mulato*, de Aluizio Azevedo, o *Atheneu*, de Raul Pompeia, a *Carne*, de Julio Ribeiro, e, sobretudo, a serie inestimavel de trabalhos, nesse genero, do famoso Machado de Assis. que possui a ironia encantadora de Anatole France; não deve causar estranheza que, no seu tempo, elle tivesse trazido um cheiro diabolico de heresia e provocado a

fúria dos devotos incondicionaes da *Viuvinha* e do *Moço Louro*.

Os romances de Macedo e de Alencar foram, durante uns tres ou quatro decennios, o maximo de esforço do engenho nacional, constituindo o pratinho delicioso dos mancebos no pateo dos collegios ou no saguão das Academias, o ponto obrigado de conversa das meninas casadeiras e a Biblia sancta do bairrismo litterario.

Calcule-se, portanto, o desespero, que houve quando Tobias entrou no templo e, em presença dos fieis, não se limitou a escarnecer dos milagres, mas foi ao nicho, onde estavam os deuses, coroados de rosas, e, além de rir-lhes nas bochechas, deu-lhes estocadas irreverentes.

Assim elle dissertou :

«No decurso dos ultimos cincoenta annos, durante os quaes a novellistica tem sido largamente cultivada, até em Portugal, onde se encontram alguns productos notaveis; não é bem singular que só possamos referir dois nomes, a que se prendem meia duzia de romances futeis e dilectantescos, em relação com a vida nacional e baldos de interesse para o geral dos leitores? Não é preciso dizer que me refiro a Macedo e Alencar, que são de certo, em nossa terra, os unicos representantes do genero».

E depois de escrever que, se o romance devesse limitar-se a uma copia da vida commun, de maneira que todo o seu conteúdo pudesse epigraphar-se e resumir-se no *mutato nomine de te fabula narratur*, é bem provavel que não tivéssemos materia variada para se propor á observação de quem escreve e alimentar a curiosidade de quem lê, acrescenta-

va: «Mas o romance não se circumscreve a tão exíguo mister. Elle não é a vida, por assim dizer, em ponto pequeno, é a vida em ponto grande. Não são somente as nossas proprias luctas e esforços, recordações e affectos, que temos occasião de achar na bagagem do romance. Ahi tambem se encontra sciencia, philosophia, arte, politica e religião. Ahi nos relacionamos com todas as questões do tempo, comprehendemos o seu alcance e sentimos a urgencia de uma solução».

Em seguida citava palavras de Adolph Rutenberg a respeito da efficacia do que se aprende sob a forma viva do romance; apresentava o exemplo de Walter Scott dando-nos a conhecer, em alguns dos seus poemas, o mechanismo do *self-governement* muito melhor do que os historiadores do direito publico inglez; affirmava que as theorias de Saint Simon e Fourier jamais passariam de um insignificante circulo de leitores sem o auxilio dos *Mysterios de Paris*, do *Judeu Errante*, do *Indian* e do *Conde de Monte Christo*; e, depois de se referir ao papel social da auctora de *Clelia* e *Consuelo*, redigindo manifestos de Ledru Rolim, nos dias subsequentes á revolução de 48, concluia:

«D'esta'arte não padece duvida: comprehende-se de si mesmo, por que tão raro e frivolo tem sido o romance no Brasil. Um Macedo e um Alencar não são espiritos que possam satisfazer, nos seus productos, as grandes exigencias da cultura moderna».

Se as palavras referentes ao papel do romance eram de ordem a fazer calafrios, as outras, relativas aos dous romancistas, não po-

deriam deixar de trazer a saburra da colera á lingua dos partidarios.

D'ahi as prevenções e os odios, as represalias furiosas, e em falta de outros argumentos, a accusação de que o critico era um apaixonado, accusação que redobrou de furia, quando elle fez alvo sobre o autor do *Guarany*, e lhe tirou, sem cerimonia, os enchimentos de algodão com que os criticos do Rio lhe tinham aprimorado os contornos da physionomia.

E, como nesse caso, procederam noutros tantos, sempre que, do seu reducto, Tobias farpava um ou outro dos lettrados que sobressahiam pelos alamares do fardão ou pela *pose* de chefe.

Não occultarei, porém, que houvesse realmente no teclado critico de Tobias notas exaggeradas que ainda hoje destoam da afinação geral.

Nesse mesmo artigo sobre o *Romance no Brazil*, se é verdadeira toda parte relativa ás ideias e á pobreza daquelle genero de litteratura no Brazil, por aquelle tempo, não se poderá dizer outro tanto das referencias pessoaes a José de Alencar.

Elle teria razão, quando affirmou que os escriptos de Alencar não dispõem de bastante força de resistencia contra a acção do tempo; quando se referiu ao opusculo intitulado—*Systema representativo*, em que o auctor se propoz resolver o problema da representação das minorias, *apresentando um quarto e novo systema, fructo da propria investigação*; mas exaggerou, quando escreveu o seguinte:—«Se existe no Brazil um homem que possa considerar-se a personificação do nosso espirito semi-culto, a incarnação da nossa ignorancia envernizada de

formulas pedantescas e apparencias deslumbrantes, não ha duvida que esse homem é o Sr. José de Alencar.»

O estudo sob o titulo—*O ultimo livro de E. Renan* e o *Sr. Oliveira Martins*,—apresenta por esse lado, mais de um ponto vulneravel, embora elle tivesse revelado extraordinario conhecimento do assumpto.

O seu primeiro exaggero é a mordacidade com que se refere ás aptidões intellectuaes do escriptor portuguez ou aos seus multiplos e variados trabalhos.

E, confessando não lhe conhecer as obras—como por igual lhe succedia relativamente a Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz e Guerra Junqueiro,—cahiu a fundo sobre o auctor, sem dó e, algumas vezes, sem razão.

Assim, por exemplo, quando Oliveira Martins se refere ao *dilettantismo intellectual* de Renan.

No entanto, essa expressão não era uma novidade.

Alguns annos antes, Paul Bourget, falando a proposito de Renan e do seu *dilettantismo*,—mais facil, na sua opinião, de entender do que de definir—assim discreteara :—«O dilettantismo é menos uma doutrina do que uma disposição do espirito, por vezes muito intelligente e muito voluptuosa, que nos inclina alternativamente para as formas diversas da vida e nos approxima de todas essas formas sem que nos demos a nenhuma».

Depois de algumas palavras explicativas desse conceito, elle enquadra no grande numero dos *dilettantes* o adoravel Alcibiades, que representou papeis tão diversos, e o mysterioso Cesar, que foi um Protheu; os grandes ana-

lystas da Renascença, de que Leonardo de Vinci, «com suas aptidões universaes, a complexidade extraordinaria de sua obra e o seu sonho incerto de bellesa», se tornou o typo enygmatico e delicioso; Montaigne e Shakespeare que praticaram essa arte admiravel de «explorar suas incertas de intelligencia em proveito dos caprichos de sua imaginação»; e assim conclue: — «Somente no occaso da vida das raças e quando a extrema civilisação substitue a faculdade de crear pela de comprehender, o diletantismo revela toda sua poesia, verdade de que o mais moderno dos antigos, Virgilio, teve o presentimento, se, de facto, elle pronunciou esse conceito que uma tradição nos transmittiu: — «Cansamos-nos de tudo, excepto de comprehender».

Applicando as suas palavras ao auctor da *Vida de Jesus*, o admiravel psychologo francez diz que nenhum escriptor de nosso tempo conheceu esse filão de poesia no mesmo gráu que Renan; nenhum professou, com a mesma distincção de patricio, ideias acima dos prejuizos e fóra das leis ordinarias; accrescentando que a critica se cansou de o seguir nas inconstancias da sua phantasia voluvel e de apontar as contradicções em que elle se comprazia,—porque *é proprio do diletantismo corrigir toda affirmacão por nuances habeis que preparam a passagem para outras affirmacões differentes.*

Certas phrases de Renan, que fizeram os seus criticos accusal-o, ora de paradoxo e de mystificação, ora de pyrrhonismo, e que produziram escandalo entre os orthodoxos de todos os partidos;—a sua ironia que foi, como o teria dito um dos personagens dos *Dialogos*,

essencialmente philosophica ;—representam o seu dilettantismo.

A legitimidade de muitos pontos de vista contradictorios, diz ainda Paul Bourget, se torna obsedante e o impede de tomar essa posição de combate que nos parece o unico modo de sustentar a verdade, a nós os discipulos do dogmatismo de outr'ora ; mas « esse estado espirital é precisamente o que faz do dilettantismo uma especie de dialectica de um genero novo, graças a qual a intelligencia participa da infinita fecundidade das cousas ».

Dotado pelas leis da herança de um sentimento profundo da vida religiosa e moral, poude assim entregar-se ao estudo dos problemas religiosos « ajoelhando sua imaginação diante de todos os altares, repetindo as phrases de todas as lithurgias, e participando do fervor de todos os cultos. » A sensibilidade dos seus antepassados seguiu-o através dessa peregrinação e permittiu-lhe destacar o espirito dos dogmas por baixo da lettra das formulas, saboreando a sua doçura consoladora.

E, ao mesmo tempo que elle penetrava assim no sentido mysterioso das theologias mais oppostas, estudava cinco ou seis litteraturas, outras tantas philosophias, leis e costumes.

Uma tal educação, pergunta Paul Bourget, justifica o dilettantismo de Renan ? Vamos mais longe, responde elle, e ousamos dizer que esse dilettantismo é o seu maior galardão, porque attesta a permanencia nelle de uma sensibilidade profunda que a multidão das contemplações não poude vencer, revelando assim um thesouro de sinceridade.

Depois de tudo isto, é perfeitamente justificavel a expressão—*dilettantismo intellectual*—

de que, a respeito de Renan, usou Oliveira Martins, e, por consequencia, tem apoio o rigor critico de Tobias.

Em outros pontos esse rigor dos seus escriptos reapparece.

Referindo-se, por exemplo, a Herbert Spencer a proposito do *evolucionismo*, o grande sergipano divide os sectarios desse systema em dous grupos—os *progonos*, entre os quaes, e no primeiro plano, Darwin, Hœchel, Huxley, e os *epigonos*, representados por Letourneau, Le Bon e *Herbert Spencer*.

Com razão Sylvio Romero, seu amigo incomparavel, chama a isto uma *boutade*, e acrescenta: «Parece-nos que o nosso illustre patricio não tinha conhecimento directo de Spencer. Elle teve sempre uma tal ou qual ogerisa á lingua, á litteratura, á nação ingleza. Em seu bello ensaio de *litteratura comparada*, neste seculo, exclue a Inglaterra e diz peremptoriamente: «Porque motivo exclui a Inglaterra do meu campo de observação? Para dizello com franqueza, devo confessar que não foi somente com o fim de não augmentar as difficuldades da empresa, mas tambem porque tractava-se de um terreno, *em que sentir-me-hia menos seguro e desembaraçado.*»

«E assim era; conhecedor emerito das linguas latina, italiana, franceza, alleman, e, em menor escala, da russa e da grega, Tobias Barretto nunca foi cultor da lingua e da litteratura ingleza, senão em dose reduzida».

Não acceito esse motivo de ogerisa á lingua ou á litteratura ingleza.

Os livros de Spencer andavam traduzidos em francez naquelle anno de 1887, em que Tobias escreveu o seu estudo sobre a *Evolução*

emocional e mental do homem, nas mãos de grande numero dos rapazes da Academia.

Eu mesmo, já em 1881, tinha na minha mesa de calouro *A Introdução á Sciencia Social, os Primeiros Principios e a Classificação das Sciencias*.

O que o levou, na hypothese, foi certamente o desejo de produzir escandalo no espirito de algum spenceriano seu desaffecto, a ver se o chamava ao terreno de uma discussão.

E isto mesmo talvez a prudencia de seu collega José Hygino tivesse percebido, elle que, apesar de toda esquivaça, lhe veio a sentir o peso, algum tempo depois, na questão do *selfgovernment*.

Não me seria difficil mostrar diversos outros pontos, como *verbi gratia*, com relação ao inditoso Guyau, fallecido aos trinta e seis annos com um patrimonio de sabio; mas eu prefiro dizer que esses desvios do seu senso critico encontram justificativa nos impetos de polemista que ás vezes perturbavam a sua visão clara e penetrante.

Não é que eu considere o critico um pontifice, fallando, sem controversia, por dogmas irrespondiveis; não é que eu seja do parecer daquelles que vêem grande antinomia entre o polemista e o critico.

Penso mesmo que se aquelle traz o concurso dos seus enthusiasmos ao debate, na medida justa, exerce o papel dos estimulantes nos guisados ou nos perfumes.

Se o *maitre d'hotel* emprega em doses macissas a pimenta do reino, o sal, as cabeças de alhos, torna o prato detestavel; mas se os aproveita, com oportunidade e moderação, o effeito é excellente.

Se o perfumista faz uso exaggerado da essência de rosas ou do almiscar, torna a combinação irritante á pituitaria mais accommodaticia.

Se, porém, tem o tacto preciso no aproveitamento dessas substancias, consegue fazer um perfume delicado e suave.

Tal qual succede na combinação do polemista com o critico.

Se aquelle se restringe a trazer ao pleito os estimulantes de combatividade, *cum grano salis*, presta um serviço inestimavel; mas se absorve o outro, se o relega para um plano inferior, occupando a scena de botas e esporas, então não poderá ser considerado um juiz, porque é antes de tudo um D. Quichote.

Se o polemista serve para accender uma lanterna ao critico e guardar-lhe as costas, quando a patrulha das vaidades feridas lhe quizer vir ao pello, comprehendendo e justifico a sua intervenção; mas se, em vez disso, elle deixa o outro ás escuras e começa a fazer ruidosas esturdias de espadachim, com prejuizo da questão principal e da justiça, não sei como leval-o a serio.

Na organização psychica de Tobias Barretto os dois agentes referidos andavam quasi sempre em boa camaradagem auxiliando-se mutuamente num accordo perfeito de vista, de forma que, em regra, seria impossivel verificar as intrusões de uns na seara do outro.

Quero dizer que houve as mais das vezes communhão de vistas na defeza dos interesses reciprocos.

E sempre que se deu solução de continuidade nesse pacto de boa camaradagem a inteireza do censor foi compromettida.

Tal succedeu nos casos citados e ainda nas

referencias ao laureado auctor do *Monge de Cistér*, onde se lê: --«O Sr. Herculano não se distingue, entre os espiritos mediocres que abundam em Portugal, senão pelo talento de ostentar-se carrancudo e imperioso, mesmo dizendo cousas frivolas»; asserção injusta do polemista, que tem o poder de prevenir o leitor contra os valiosos e opportunos reparos do critico.

*
**

Schopenhauer acreditava na existencia de duas especies de escriptores:—os que escrevem com o fim de dizer alguma cousa e os que escrevem por escrever.

Os primeiros têm ideias ou experiencias que lhes parecem dignas de ser communicadas; os segundos têm necessidade de dinheiro e escrevem apenas com o fim de lucro.

Tobias Barreto era legitimamente da resumida familia dos primeiros.

O fio vermelho da ideia dominava na textura inconfundivel dos seus periodos. E, no encarnecimento com que se batia por suas ideias, esquecia por vezes as leis da pragmatica e o limite das conveniencias.

D'ahi os senões apontados, os quaes, se assim o são para um certo numero, constituem um aperitivo ou um chamariz para outros.

Como quer que seja, uma cousa é exacta: —é que elles revelam um tão profundo sopro de independencia nos seus escriptos que, ao

percorrel-os hoje, suppomos ainda estar no campo da acção.

Num banquete em casa de Mania, na famosa Athenas, perguntando-lhe um dos seus commensaes, o poeta comico Diophilo, onde achava tanto gelo, a celebre cortesã respondera:—«Não se incommode com isso; quando elle me faltar, eu terei o cuidado de o substituir nas amphoras pelos prologos das suas comedias.»

Essas palavras, lembradas a proposito de alguns trechos da opera—*Salvator Rosa*—, pelo proprio Tobias Barretto, não poderiam, com certeza, ter significação applicadas a qualquer dos seus trabalhos criticos, porque em todos elles circula com intensidade o calor da vida.

O GERMANISTA

Quando em 1870 o estudioso solitario da Escada resolveu, á custa dos seus proprios esforços, conhecer o genio dos allemães na sciencia, nas lettras e nas artes, afim de o tornar conhecido no Brazil, a Germania estava em focalisação.

A França, que nos dera até então o leite da sabedoria, graças á assistencia da litteratura portugueza—especie de ama secca—acabara de ser vencida em Sedan.

Acostumados a vel-a poderosa e irreductivel atravez das lentejoulas politicas e litterarias

do 2.º Imperio, um grito de desespero levantou-se no Brazil contra o vencedor.

Não foi, portanto, prova de subserviencia a resolução de Tobias Barretto, como o suppoz o mallogrado plenipotenciario argentino Garcia Mérou, que a proposito disse, no seu livro *El Brazil Intellectual*, o seguinte:

« A epoca e o instante de seu nascimen-
« to repugnam um pouco aos meus instinctos,
« sem que deixe de comprehender o deslum-
« bramento que se produziu então no animo
« de Tobias Barretto. Foi no dia seguinte ao
« do triumpho sobre a França, nesse anno de
« tão funestas recordações para o vencido, em
« que o nosso autor se sentiu assoberbado pela
« *grandeza da raça preponderante*. Sua adhesão,
« naquelle momento, parece-me pouco genero-
« sa, sobretudo tractando-se da França, nossa
« mãe commum intellectual, *alma mater* vigo-
« rosa e fecunda, que durante tantos annos
« guiou nossos primeiros passos e desfez as
« primeiras nuvens de nosso espirito.»

Se o grande ensaista brasileiro estivesse em territorio da Allemanha, a sua decisão talvez fosse com bons fundamentos acoimada de pouco generosa; mas residindo numa villa pernambucana, onde as nossas raizes latinas vibraram de indignação com os desastres da França, o seu acto precisou de um triplice esforço de combatividade:—o desapêgo a preconceitos de raça, numa hora decisiua, a segurança do campeão que não volta o rosto á superioridade numerica dos adversarios, e os instinctos intellectuaes do pensador que deseja descobrir a verdade donde quer que ella promane.

Depois, a *sympathia* do nosso mestre pela cultura alleman não era uma resolução que

a victoria das armas prussianas houvesse determinado subitamente.

Era o resultado de um longo estudo das qualidades superiores do espirito daquelle povo, atravez dos livros de Renan, Taine, Scherer, Amiel e alguns outros mais.

Na sua famosa carta aberta ao redactor da *Deutsche Zeitung*, do Rio de Janeiro, affirmou o grande mestre:

« A Allemanha é no Brazil inteiramente desconhecida. Espirito allemão, sciencia allemã ainda não vieram com seus raios rebater as sombras que ahi pesam sobre quasi todas as relações da nossa vida publica.

« Basta sómente uma ligeira leitura dos jornaes, brochuras e livros que apparecem entre nós, na capital do imperio mesmo—, para fazer pasmar sobre o triste estado de ignorancia em que nos achamos. E' como se nada de novo existisse; como se a França, a França sosinha, ainda deva marchar á frente da civilisação, tanto nas formas e meneios, como nas ideias e nos costumes.»

Dahi se vê, portanto, que a victoria das armas prussianas o induziu apenas a estudar o genio allemão nas suas fontes nativas.

E nada me parece mais digno.



Por outro lado, Garcia Mérou que, aliás, escreveu com sympathia uma ligeira noticia do admiravel ensaista brasileiro, dizendo que toda sua *larga serie de contrastes, de sacrificios e de combates* forma *una de las biografias* mas no-

bles e interessantes de que pueda enorgullecerse um escritor sudamericano, parece ter lido os Estudos Allemaes ao correr da vista,

Foi por isso que, depois de accusar o seu auctor de *uma voracidad pantagruelica de lecturas* de toda indole, affirmou que o livro não é uma synthese da philosophia alleman, como se o auctor se tivesse proposto a esse *desideratum*, e como se sómente por aquelle meio fosse possivel dar o conteúdo do pensamento germanico.

Dois caminhos podia ter realmente seguido o sabio brasileiro—ou esse apontado pelo Sr. Garcia Mérou, ou o que elle preferiu na independencia do seu espirito—isto é, bem como diz ainda o illustre argentino—*una serie de articulos de gran variedad de temas, historicos, filosoficos, criticos, literarios, hasta humoristicos*, sem que, todavia, segundo lhe pareceu, *todos ellos reflejan el pensamiento de algum autor alleman ou encêrrem algum himno mas ó menos vibrante á la cultura, a la intellegencia, al arte, al poder de la Allemania.*

E, procurando justificar suas asserções, accrescenta o citado autor ;

« Si Tobias Barreto si occupa del alma de
« la mujer es para decirnos lo que pensa sobre
« ella el distinguido israelista Adolfo Jelli-
« neck ; si scribe sobre zoologia es para hablar-
« nos de las theorias de Hæckel ; *mira a his-*
« *toria* religiosa del Brazil, á través de Julio
« Frœbel y de Hartmann, lo que poco aclara
« su tema ; más tarde traza un «ensayo pre-his-
« torico de la literatura classica allemana», fun-
« dado en las mismas bases, asi como senala
« alguns rasgos de literatura comparada del siglo
« XIX extratractados de Georges Brandes, que,

« aunque creo no es aleman, aparece ali como
« si lo fuera. Analiza los estudios historicos
« de Renan para darse el lujo de deleitarse
« em Ewald, en Graetz, y Ranke; como más
« tarde habla de la filosofia en el Brazil para
« evocar un recuerdo de Kant.»

Não ha nada mais injusto. No artigo sobre *A alma da Mulher* o sabio brasileiro não se limita a dizer o que pensa a respeito do assumpto Adolpho Jelinek.

O trabalho do distincto israelista serve-lhe apenas de pretexto para a explanação de ideias colhidas *aliunde* e depuradas no cadinho de ouro da sua intelligencia.

E' assim que elle contesta a opinião do referido auctor, de um extremo á outro do seu artigo, e diz com a maxima independencia, que elle se deve sentir tristemente impressionado ao ver que as suas idéas não conseguiram ganhar terreno. E accentua paginas adiante: «Não sei mesmo como um espirito, qual Adolpho Jelinek, julgou poder, na terra de Betty Paoli, oppor um dique á correhte em que se immergem Marianna Wainisch, Augusta Von Littron, Joanna Leitenberg, Josephina Ubertheimstein e outras muitas naturezas demoniacas, com phrases de passageiro effeito e sedições conselhos de prudencia.»

Já se vê que o auctor dos *Estudos Allemaes* não se limitou á dizer-nos submissamente os conceitos de Jelinek sobre a questão da mulher.

O artigo sobre Zoologia não foi escripto para *hablar-nos de las teorías* de Hœckel, o que seria muito razoavel por se tractar naquelle tempo de uma verdadeira novidade no Brazil.

Foi para combater a conferencia feita em Hamburgo por Carl Semper em 1875 á respeito do que elle designou com o titulo de *Der Heckelismus in der Zoologie* e que não fôra contemplada pelo auctor da *Historia da Creação* no seu escripto do mesmo tempo.—*Ziele und Wege der heutigen Entwicklungsgeschichte*—no qual respondeu de uma vez ás objecções dos seus criticos.

Assim elle diz naquelle seu esplendido trabalho:

«E', pois, para sentir que o professor de Iena não pudesse, ao tempo da confecção do mencionado escripto, ter noticia da conferencia de Carl Semper e da riqueza de argumentos que ella encerra, para entregar o seu auctor ao mesmo destino dos tres pares de antagonistas que elle fustigou:—Alexandre Goethe e Guilherme His, Agassiz e Michelis, Bastian e Alberto Wigaud, todos os quaes, ainda que partam de principios real ou apparentemente diversos, comtudo se dirigem á um fim commum: que é negar á Zoologia o direito de abrir novos caminhos e elevar-se á novas concepções. Carl Semper, ao certo, não seria tractado com mais doçura do que os seus companheiros de intuição retrograda.»

Eis ahi, combater Carl Semper nos seus conceitos sobre o *hækelismo na zoologia*, dando, num rasgo de coragem, noticia exacta do *pro* e do *contra* na questão, não tem valor, no conceito do Sr. Garcia Merou, porque é *para hablar-nos de las theorias de Hæchel*.

Mira la historia religiosa del Brazil através de Julio Frœbel y de Hartmann, lo que poco aclara su tema, diz o illustre diplomata argentino.

Em primeiro lugar o trabalho de Tobias Barretto não é referente á *historia religiosa no Brazil* e sim, note-se bem, á *vida religiosa*, o que differe em mais de um ponto.

Depois, circula no escripto o folego do seu proprio autor e o seu ponto de vista pessoal salta aos olhos.

Cita Julio Froebel para dizer que está de accordo com elle, quando affirma ser um erro grosseiro suppor que a humanidade se acha em caminho para um estado de cousas, onde a religião só brilhe pela ausencia, mesmo se a religião não fosse mais do que a metaphycica do povo, incapaz de reflexão philosophica; faz referencias á E von Hartmann para dizer que se, correlativamente com a mudança das ideias e modificação dos sentimentos, a cenogenia augmenta e cada vez mais distante vae ficando o christianismo do seu ponto de partida, isto não impede que elle venha a terminar por ser a religião dos pobres de espirito, dos miseros de todo genero.

D'ahi por diante nem uma vez mais se refere, no artigo sobre a *Vida Religiosa no Brazil*, aos dois auctores citados. Entretanto passam-nos pela vista os nomes de Vacherot, Daniel Sptizer, famoso folhetinista de Vienna; Ernesto Brücke, professor na Universidade daquella capital e o maior physiologo do seu tempo; o venerando autor do *Der alte und der neue Glaube*; phrases de Garibaldi a Karl Blind, em Londres, dizendo acreditar não haver no mundo inteiro paiz menos catholico do que a Italia; chistosas palavras do escriptor suisso M. G. Conrad narrando um episodio napolitano consistente no abandono pelo povo de certo pregador que estava fazendo, ao ar livre, um sermão quaresmal, por um polichinello, o que

levou o fervoroso frade a gritar aos fugitivos, do alto do seu pulpito de feira, mostrando-lhes o crucifixo :—*Rimanete qua, ecco il vero Pulcinella* ; a opinião de Paulo Schramm que, referindo-se a esse episodio, disse:—*Um tal intermerzzo seria na Allemanha absolutamente impossivel* ; e, por fim, referencias a Epicuro, ao Barão du Prel, ao devoto Christiano Muff, a Feuerbach e a Steub.

Foi a isso que o escriptor platino considerou fazer *historia religiosa* do Brazil através de Julio Fröbel e de Hartmann.

Em seguida Garcia Mérou diz, conforme a citação feita, que o nosso patricio traçou um ensaio prehistorico da litteratura classica alleman *fundado em las mismas bases* assim como escreveu um capitulo de literatura comparada do seculo XIX *extractado* de Georges Brandes, que, *aunque creo*, diz elle, *no es aleman, aparece ali como si lo fuera*.

No admiravel trabalho de Tobias Barretto sobre a prehistoria da literatura classica alleman uma das cousas que nos prendem a vista é a sobriedade nas referencias a auctores, ponto em que elle, por exaggero na documentação ou escrupulo de consciencia litteraria, teve mãos largas em quasi todos os seus escriptos e discursos.

E, cousa extraordinaria ! mesmo assim o auctor mais vezes citado é Setembrini, um italiano, desde as palavras referentes á genial escriptora Olympia Morata, perseguida pela igreja : —«Io non se si y papi e i cardinali del Cinquecento morivano con la fede e la serenità di questa donna eretica che chiamava Christo e vedeva tutto luce e fiori,» até o trecho em que, depois de haver accentuado que a velha raça la-

tina pouco se importaria com os impetus luteranos e de seus adeptos, por terem os seus pensadores ido além da Reforma ou por estarem ruminando uma revolução muito mais vasta e comprehensiva, o famoso Professor de Napoles dizia contradictoriamente:—«Olhae para a velha Europa e para a jovem America; onde encontraes povos que acceitaram a Reforma e a razão, ahí também encontraes moral, religião, liberdade, força, riqueza, trabalho; onde, porém, os povos permaneceram obedientes á auctoridade do papa, ahí só ha corrupção, superstição, servilismo, decadencia... e bandidos.»

Quanto á declaração de terem sido as paginas sobre a litteratura comparada no seculo XIX extrahidas de Georges Brandes, que o escriptor platino não conhecia e apenas suppunha não ser de nacionalidade alleman, mas *aparece ali como si o fuera*, o tecido inteiro do trabalho, onde são patentes os traços idiosyncrasicos do seu auctor, seria um attestado vivo em sua defeza, se o proprio Garcia Mérou, com o ter esquecido a citação feita no capitulo referido, á pagina 113 dos *Estudos Allemaes*:—*Georges Brandes, distincto escriptor dinamarquez*,—não tivesse dado uma triste prova das suas leituras de afogadilho.

E assim prosegue o plenipotenciario litterato.

No emtanto, o intelligente escriptor do Prata bem poderia ter lido na introdução do livro de Tobias palavras explicativas que tornam o seu commentario critico de ante-mão injusto.

«O que eu pretendo publicar, disse elle, sob o titulo de *Estudos Allemaes*, abrange uma série indefinida de escriptos de diverso conteúdo e datas diversas, mas em sua maioria inspirados e dirigidos pelo principio commum

a todos os trabalhos que têm occupado, ha mais de dez annos, a minha vida espiritual. Nem é preciso que o diga, pois que já se sabe : esse principio é o da critica severa e despreoccupada, no interesse unico da verdade, isto é, no interesse de alguma cousa de encantador e delicioso, cuja posse, entretanto, como a de mulher adorada, muitas vezes encerra menos prazer do que a ancia mesma de possuil-a e gozal-a.

«O epitheto de *allemães* que dou ao escriptos aqui promettidos, não serve para indicar o momento *objectivo* do meu programma, visto como não tenho em mira fazer da Allemanha, em toda ou qualquer das relações, em que ella possa e deva ser considerada, o assumpto obrigado das minhas indagações ; mas esse epitheto indica, sem excepção alguma, o momento *subjectivo* da cousa, quero dizer, põe logo a descoberto o meu ponto de partida, a minha intuição, as presuppções necessarias do meu escrever e criticar».

E elle não teve a cegueira invencivel dos obstinados, porque citando, no ultimo periodo de sua existencia laboriosa, um conceito do israelita Luduvig Boerne—: que o allemão só escrevia *ouro* ou *cobre*, emquanto o francez ordinariamente escrevia *prata*—acrescentou ser, não sómente espirituosa a expressão, como justa e verdadeira, no sentido de que os livros allemães se distinguem quasi sempre ou por uma profundez admiravel ou então por uma esterilidade sem igual, ao passo que os francezes se mantêm n'uma tal ou qual mediania, equidistantes dos dois extremos.



O caso mais divertido, porém, é que o germanismo do grande sabio brasileiro, tendo a principio causado o riso escarninho da critica, ou tendo-o feito passar mais de uma vez, «no parecer dos psychiatras da terra por um tanto adoentado de *Germano-mania*», vac sendo agora diminuido por outras manobras, desde que os seus inimigos perceberam que o titulo de *teuto-sergipano*, dado em sentido pejorativo, se lhe tornára, no correr dos tempos, um famoso galardão.

Agora que «a escola *teuto-sergipana* não produz absolutamente *impressão comica*» e que a associação da ideia da Allemanha á da *provincia natal* de dois infatigaveis promotores do germanismo nas lettras brasileiras—Tobias Barretto e Sylvio Romero—não pode ser contestada, os criticos abandonam as chanfretas do ridiculo e volvem-se a outros recursos ainda menos serios, porque são mentirosos.

E' preciso, portanto, pôr mais uma vez os pontos nos *ii*.

Desse trabalho piedoso o de honrar os factos inesqueciveis de um companheiro morto, se incumbiu Sylvio Romero—que, sem fugir ao risco de se tornar fastidioso e impertinente, volta ao assumpto sempre que lhe é possível.

Foi em 1870, como é sabido, que o solitario da Escada deu positivamente as suas preferencias intellectuaes ao genio da Allemanha. Com a decisão dos espiritos resolutos comprou uma grammatica e um dictionario da lingua e, por intermedio da *Livraria Lailacar*, hoje *Livraria Franzeza*, fez encommenda do *Geschi-*

chte des Volkes Israel, de *Ewald*, primeiro livro em allemão que depois veio a traduzir.

Apaixonando-se pelo novo mundo que entrou a explorar, refez as suas ideias e os seus processos criticos depois dos trinta annos, phase em que, em regra, os espiritos se entrincheiram nas doutrinas e nos habitos adquiridos com um encarniçamento de beatos.

Recompoz e modificou, ao influxo dos auctores germanicos, todas as suas ideias em litteratura, critica, direito, religião, politica, philosophia, obedecendo principalmente á escola monistica que tem no celebre professor de Iena o centro do seu systema.

Sylvio Romero, porém, que é um spenceriano convencido, do allemanismo só aceitava, como elle proprio o confessa, a *intuição critica, apta a revigorar a nossa propria nacionalidade*.

D'ahi a facilidade em differenciar no assumpto a acção dos dois criticos. Um, o auctor das *Questões Vigentes*, viu na sciencia e na litteratura germanicas um grande veeiro a ser explorado, uma corrente de riquezas extraordinarias a ser seguida e aproveitada no curso das nossas ideias; ao passo que o outro, o actor da *Historia da Litteratura Brasileira*, viu de «preferencia, segundo as suas proprias palavras, nos povos teutonicos sua alta significação ethnographica, sua vasta contribuição para o cultivo geral, suas magnificas qualidades de espirito e sua disciplina critica, desejando que fossem ellas apreciadas no seu justo valor e servissem de estimulo a nós outros».

E Sylvio Romero accrescenta com inteira isenção de animo: «No significado e na amplitude que a propaganda tinha na mente de nosso

amigo, elle esteve sempre admiravelmente, nobremente isolado. Nem elle deixou de ter a consciencia nitida da sua posição, dizemol-o por honra sua».

Foi assim que, nos seus ultimos tempos de vida ou bem um anno antes de morrer, dizia no prologo das *Questões Vigentes*:—«No que diz respeito ao conteúdo do livro só tenho a observar que nelle se encontra a mesma velha mania germanica, que é para mim uma especie de isolador de qualquer communicação mais intima com o espirito geral da litteratura patria.

«Não cedi a consideração alguma que viesse abalar a firmeza das minhas convicções e o rigor da minha critica».

Nem pode haver duvida.

Eu que fui seu discipulo e tive a fortuna de o conhecer na cadeira de mestre e na intimidade de amigo, que ouvi as suas palavras assoberbantes na Academia e a sua conversação na roda numerosa dos admiradores, posso afirmar que assim foi.

No entanto, na impossibilidade absoluta de desconhecer a efficacia de sua propaganda do germanismo ou de affirmar-se que elle tivesse abandonado o seu ponto de vista, vieram a dizer depois de sua morte que elle não trouxe no caso nenhuma novidade, porque, bem antes da sua intervenção, outros haviam explorado o terreno aurifero com aproveitamento e bôa vontade.

E' um engôdo e nada mais. Certo é que, desde os tempos coloniaes, allemães distinctos visitaram o Brazil, com o fim puramente scientifico; mas um fim circumscripto á *Historia Natural*, como succedeu, além de outros, com o afamado Alexandre de Humboldt, que, aliás,

nas suas pesquisas pelo Maranhão, tirou o somno ao governo do Sr. D. João VI.

Tres motivos teriam concorrido para que esses grandes espiritos não se preocupassem, naquelles tempos com a propaganda do allemnismo no Brazil:—o fim especial de sua viagem, a falta de imprensa e a ignorancia absoluta dos que os cercavam.

Se os governadores, em sua grande maioria, eram da ordem d'aquelle do Rio de Janeiro, que no fim do seculo XVIII officiava ao ministro em Lisbôa communicando a visita de Jacques Cook ao Brazil com o fim de observar *a estrella do Norte ao través do pólo do meio dia, o que em verdade queria dizer—a passagem de Venus pelo disco solar*, imagine-se, por esse specimen, a competencia litteraria e scientifica do restante.

Depois, só o aguilhão do fim que os trouxera, em muitos produzindo o alheamento de tudo que não fosse a sua especialidade, seria bastante para afastar a ideia de uma propaganda do allemnismo, se mesmo elles tivessem á disposição imprensa e pessoal capazes de os comprehender.

E' tambem certo que, durante o Imperio, tivemos em nosso paiz allemães de valor, que exerceram com brillantismo o professorado, impondo-se á nossa admiração pelo gráo da intelligencia e dos sentimentos. D'esses póde ser citado, como exemplo, o Barão de Tautphœus, que, num longo tirocinio de meio seculo, dispoz das sympathias da mocidade brasileira.

No entanto, se é certo que elle revelou os thesouros do seu saber nas linguas vivas e mortas, nas litteraturas respectivas, em philosophia, historia e mathematicas, não é menos verdade que, apesar dos seus justos enthusiasmos pelo

genio de sua raça, jamais se revelou um propagandista no verdadeiro sentido.

Era natural mesmo que, nas suas allusões ás excellencias de espirito do seu povo, o fizesse, segundo a doçura do seu character, num tom de despreocupação que, sendo inteiramente consentaneo com a sua qualidade nativa de estrangeiro, não ferisse os nossos melindres de bairristas. E o que se deu com elle, deu-se provavelmente com os outros de menos valia.

E' certo ainda que alguns allemães trabalharam no seculo passado no jornalismo; mas nenhum delles se esforçou pela renovação das ideias segundo os moldes germanicos.

O próprio Carlos Von Koseritz só depois de ter travado conhecimento com Tobias, graças á carta d'este a Richard Mathes, inserta no *Deutsche Zeitung*, foi que se tornou um propagandista do pensamento allemão, no extremo sul.

E' certo ainda que alguns brasileiros educados na Allemanha, chamaram a attenção do nosso publico para a cultura d'aquelle paiz, mas isto «incidentemente e por forma episodica».

A prioridade, portanto, do auctor das *Questões Vigentes* na propaganda intellectual do germanismo, é um facto incontestado.

Entretanto, a riqueza e desdobramento da mentalidade poderosa do nosso mestre, graças ao espirito allemão, não foi um facto sem precedentes no mundo.

A imaginação do auctor da *Vida de Jesus*, elle a trouxe do fundo longinquo da Bretanha na massa do seu sangue, e elle proprio o reconheceu quando no «estudo sobre a *Poesia das raças celticas* traçou o retrato, docemente idealisado, do Bretão».

O terreno estava preparado, portanto, disse

Paul Bourget, quando elle vindo a Paris, conheceu o pensamento allemão.

Se a imaginação lhe deu o estylo «delicado até a esbelteza e quasi immaterial de espiritualidade» e, «de um modo mais consciente, a medida de julgar os homens, fazendo constatar a lei secreta que liga o genero do talento de um historiador á essencia mesma de sua sensibilidade»; a grandeza intellectual da Allemanha «espontando em florestas de ideias mais espessas do que as massas de Harz ou da Thuringia», offereceu-lhe ensejo de assimilar e repetir, por sua propria conta, algumas das doutrinas essenciaes de além do Rheno.

E Paul Bourget escreve: «Em frente da mesquinha philosophia da França de então abro-lhavam systemas sahidos do Kantismo, todos gigantescos e lembrando, pela audacia de sua interpretação do universo, as magnificencias das hypotheses da antiga Ionia.

«Na França o catholicismo lutava pobremente pela vida na imprensa e na tribuna.

«Além do Rheno a exegese multiplicava os pontos de vista renovando a interpretação da escriptura.

«Era um rejuvenescimento das discussões theologicas capaz de fazer levantarem-se dos seus tumulos os illustres doutores da Idade Média,— o Seraphico e o Invencivel, o Angelico e o Illuminado.

«Os altos estudos agonisavam em França e as suas Faculdades não recrutavam ouvintes senão com a condição de reduzir o seu ensino até fazer delle uma distracção util ás gentes do mundo.

«Na Allemanha, as universidades rivalisa-

vam em zelo com o fim de elevar o nível de sua educação superior».

Era justo, accrescenta, que um espirito, sequioso de ideias como devera ser o de Renan nas cercanias dos seus vinte e cinco annos, se deixasse embebedar com o licor que a Allemanha lhe offerecia em profusão.

Como quer que seja, se elle trouxe da sua aldeia natal as predisposições da imaginação e da sensibilidade para o ramo de estudos em que se tornou inimitavel, a sciencia allemã foi o campo onde elle descobriu o veeiro de ouro dos methods novos e da erudição.

Com o nosso grande patricio passou-se, *mutatis mutandis*, a mesma cousa.

Dotado de uma grande imaginação de que dera testemunho nos seus versos e, além disso, aparelhado com extraordinarias aptidões de critico, Tobias encontrou por sua vez as florestas *de idéas mais espessas do que as massas de Harz e da Thuringia* e, com a audacia do seu temperamento, respirou a grandes haustos o sopro de vitalidade que andava no ar, não abrindo mão do direito de respiral-o até onde quizesse e como entendesse.

Por isso, elle não perdeu as suas qualidades pessoaes de escriptor, isto é, aproveitando todo o grande material que o novo mundo de ideias germanicas lhe offerecia, constituiu o seu patrimonio de accordo com os impulsos da sua vocação.

E nada mais justificavel. Toda fecundidade da natureza vem da união dos sexos.

Os arabes das fronteiras longinquas da Persia sabem-n'o bem disto, enrolando pannos em redor das palmeiras masculinas das suas tribus, nos tempos da floração, no intuito de

impedir que o vento do deserto leve, ao passar pelas tribus visinhas, o germen de fecundação ás palmeiras do outro sexo.

Os que criam leis aduaneiras ao pensamento, pedindo-lhes certidão de baptismo, fazem como esses arabes, contrariando uniões conjugaes entre espiritos de procedencia diversa e climas differentes, que teriam multiplicado os seus fructos se lhes tivesse sido possível a aproximação.

A essencia desse pensamento que eu supponho ter lido em Lamartine, se bem me lembro, encontrei muitos annos depois em Paul Bourget, sem allusão á fonte. Affirmando que a educação da Germania não prejudicou o que de terno e delicado continham as fontes imaginativas de Renan, o psychologo francez assim disserta :

—«Um talento é uma creatura viva. Sua origem suppõe um elemento macho e um elemento femea.

«A imaginação celtica teria sido neste caso o principio feminino, que, fecundado pelo genio da Allemanha, produziu a formação intellectual do auctor da *Vida de Jesus*.»

E esse consorcio de elementos diversos, produzindo complicações psychologicas, trouxe-lhe o seguinte resultado :—o *dilettantismo*, por ter sido lançado nos caminhos de uma critica infinitamente multipla, que elle comprehendeu e saboreou ; o sentimento religioso que lhe proveio dos seus primeiros extases christãos apezar das negações de sua exegese ; e a distincção aristocratica, porque « ao sentimento innato da pureza de sua raça se juntou o sentimento de uma superioridade indiscutivel de vida intellectual »,

No caso do nosso patricio deu-se alguma cousa de semelhante.

O consorcio da imaginação e das aptidões criticas de Tobias com o genio allemão e o seu profundo saber trouxeram-lhe: — um relevo incomparavel ao seu estylo; a ironia demolidora que se, por vezes, foi simplesmente divertida, de outras foi schopenhaueriana; a originalidade inconfundivel, que no seio dos seus coevos lhe deu uma physionomia propria, como os perfis de montanhas destacando-se, aos primeiros raios do sol, no extremo de uma planicie; e os merecidos fóros de philosopho, que elle juntou ás suas insignias de critico.

No seu estylo, que não é feito de filigranas douradas, encontra-se o fio vermelho da ideia e uma propriedade de termos em que a graça corre parelhas com a technica.

Filho de uma epoca em que o talento de escrever no Brazil consistia em formar periodos vãos e retumbantes, elle teve a fortuna de aliar o util ao agradavel, vestindo a sua erudição umas vezes *à la diable* e outras com elegancia, mas sempre com inteira propriedade e sem prejuizo das idéas.

No entanto, apesar desse fio vermelho da ideia que entrelaça os seus periodos e apesar da propriedade dos termos no esclarecimento dos conceitos, certos criticos do Rio de Janeiro, que suppõem ter nascido no cimo do Corcovado, acharam de o brindar com o titulo de palavroso, esquecidos da seguinte formula de Buffon:

«Todos as bellezas intellectuaes que se encontram num estylo bem acabado, todas as relações de que elle se compõe, são outras tantas verdades tão uteis e talvez mais preciosas

para o espirito publico do que aquellas que podem constituir o amago do assumpto.»

Ainda ultimamente o Sr. José Verissimo, que não é um aprendiz de critica e tem nomeada merecida, escrevendo algumas palavras a respeito do meu opusculo sobre *Maciel Monteiro*, expoz a sua desconfiança de que eu *seja um discipulo de Tobias e por isso mesmo um dos ultimos abencerrages do condoreirismo local*.

Esse erro de apreciação obrigou-me a dizer-lhe o seguinte, num artigo inserto n' *A Provincia* :

«Não é a primeira vez que eu descubro nos escriptos do illustre confrade taes referencias ao estylo do auctor genial das *Questões Vigentes*.

Em certa occasião não me foi possivel dominar o riso vendo-o attribuir ao grande mestre a phrase que se tornou celebre :—*palavrão, palavião não diz quem quer, palavrão palavrão só diz quem pode*; quando todos nós sabemos ter sido do estimado Aprigio Guimarães aquelle desafogo».

E mais adiante acrescentava :

«Foi o vigor das expressões ou propriedade nos termos o que mais seduziu á juventude estudiosa, quando o *teuto sergipano* apeou dos altares os velhos manipansos da idolatria indigena. Estou certo de que, se os novos principios sustentados por elle fossem precedidos dos sedichos narizes de cêra das convenções academicas, não teriam feito caminho com um tão grande exito. E nesse ponto estou de accordo com o famoso Ibsen, quando, numa carta á Georges Brandes, afirmou que os novos ideias pedem formas novas,»

—A ironia do grande mestre é cousa que não precisa de um escaphandro para a descobrir nos recessos do seu pensamento.

Escrevendo a proposito de uma das suas theses apresentadas em concurso, designada por elle pelo nome *esquisito de direito autoral*, sentia que não tivesse chamado a atenção de um ou outro moço esperançoso, a quem incumbia lançar por terra o *orgulho* e as singularidades do velho concorrente desprotegido, principalmente sabendo-se que a cousa não deixava de fazer espanto e motivar mais de uma interpegação em segredo sobre o sentido e o alcance d'aquella especie de *corvo branco*.

E continuando nesse tom ironico dizia :

«Como sou dotado da faculdade de representar-me até as ideias mais prosaicas e abstractas, sob o schema de uma mulher bonita, posso dizer que a minha these foi semelhante a uma linda moça que provocasse um rapaz ingenuo, mostrando-lhe, em toda sua peregrina belleza, os eburneos hesmipheroides de um seio de fada ou a polpa de uma perna brasileira (as funções do *crescer* e do *engrossar* são vegetativas, e no Brazil a vegetação é luxuriante), porém fosse repellida pelo ditoso mancebo, que esconjura o anjo máo e foge das tentações.»

Em outra occasião, e ao concluir o seu escripto sobre *As faculdades juridicas como factores do direito*—inspirado, segundo elle proprio confessa, por outro de igual substancia do Dr. *Rudolph Heinge*,—de Heidelberg, refere o caso de um viajante europeu dos nossos dias ter visto na America uma tribu selvagem, a tribu dos Acawais, que lhe fez profunda impressão pela belleza de suas mulheres.

O mais extraordinario, porém, se lhe apre-

sentou, quando elle, em paga de collares de aljofar de que fez presente á duas mocinhas, typos de realce entre as mais formosas, lhes pediu que ellas o beijassem. Entreolharam-se as duas espantadas, porque não conheciam o *phenomeno chamado beijo*, e logo que elle se incumbiu de lhes mostrar praticamente «o valor dessa incognita» os selvagens presentes romperam numa gargalhada. E Tobias conclue: «Ora, pois, eu tambem, com o meu continuo citar de auctores e ideias allemães, não estarei sujeito á alguma risada acawaiana?»

Ainda no substancioso estudo a respeito do *Direito autoral*, e depois de ter concordado com o Professor italiano Antonio Tari que... *l'uomo fu ben definito—animale del riso*, disse:

«Segundo li ultimamente em um jornal do sul do imperio, o sabio naturalista allemão, Fritz Müller, que alli reside, acaba de descobrir que a natureza, entre nós, cercou certas plantas selvagens de meios de protecção contra o ataque das lagartas. E' assim que o maracujá,—diz elle, é dotado de umas glandulas, que secretam um mel especial, o qual attrahe umas formigas pretas, que deliciasdas por aquelle nectar não consentem que as lagartas se approximem.

«Eu sou uma dessas plantas selvagens. Tambem guardo o meu mel: é um pouco de poesia, que não me abandona mesmo nos momentos mais criticos da existencia.

«Tenho tambem commigo uma formiga preta: é a ironia, a ironia reflexa, que zomba até da propria zombaria, a ironia que depende das más impressões que me possam causar a intriga e o *mexido* das almas pequeninas.»

—A sua originalidade não é difficil de provar a quem se der ao trabalho de conhecer as con-

dições do espirito brasileiro n'aquelle tempo, porque a originalidade de qualquer escriptor não póde deixar de ser relativa.

Escrevendo a respeito de um livro censurado por não trazer o traço de originalidade, elle proprio dizia não conhecer maior extravagancia, nem cousa mais extemporanea do que o gesto magistral do critico affirmando que o escriptor não foi original nem descreveu alguma *experiencia propria*. «*Originalidade!*... afirma o profundo ensaista. E' pedir demasiado. O censor, por certo, não entrou bem no fundo deste conceito. Original em uma creação do pensamento, disse Hermann Cohen, limita-se a um *curto passo* que, muitas vezes sómente pela sua preponderancia no andar das ideia ou pela inesperada direcção que toma, attinge á força de reformas, ao largo tempo e ao longo, o dominio do saber.

«Mas mesmo assim, quantos são capazes de aventurar esse *curto passo* além do terreno conhecido?»

Esse passo elle o deu, não ás escuras e ás apalpadellas como um cego sem guia, mas senhor de si e deixando aberto o caminho aos que viessem depois.

D'ahi o engano, verdadeiro ou fingido, dos criticos.

Vendo hoje os traços indeleveis que elle deixou de sua passagem na matta virgem da nossa ignorancia, suppõem ou fingem suppor que aquella estrada foi sempre uma serventia publica do espirito nacional.

Abriu-a o genio de Tobias a golpes incessantes.

Não fosse o trabalho de conservação de alguns dos seus discipulos, as tiriricas e os ci-

poaes da insciencia indigena teriam crescido de novo, fechando-a.

E engraçado seria ver muitos dos criticos fanfarrões de hoje tateando no desconhecido á procura desse caminho por onde elles agora passeiam ovantes.

Por isso, eu poderia dizer simplesmente que seu traço de originalidade está «na sua obra tomada em conjuncto, na acção, nas tendencias que despertou, no influxo por ella produzido», se essa originalidade não resaltasse, ao mesmo tempo, de cada estudo seu e do aspecto novo dos conceitos emittidos em qualquer delles, ou accentuando melhor—em philosophia, direito, arte, litteratura e religião.

—Por fim quando elle poudetirar proveito do seu espirito, graças ás doutrinas e aos methodos germanicos estimulando as suas aptidões nativas, se viu então de posse dos seus formidaveis utensilios de pensador.

No parecer de Clovis Bevilacqua, «o philosopho emergiu do critico, no momento em que o terreno se lhe afigurou sufficientemente desbravado para receber construcções, e o espirito sentiu necessidade de dar expansão ás suas faculdades creadoras que se não haviam exgottado com as producções estheticas.»

E o douto escriptor, continuando, affirma que no seu character de philosopho o auctor dos *Estudos Allemães* foi um ensaista dos mais attrahentes, *pelo capitoso do estylo como pela segurança e originalidade dos conceitos*, fazendo lembrar Waldo Emmerson,—*the great American essayist*.

Garcia Mérou, porém, declara não ter descoberto nos escriptos de Tobias Barretto

cousa alguma que o auctorisasse a consideral-o philosopho.

E' uma sentença do famigerado orgulho platino, da qual eu appello para o juizo dos competententes, com as razões que apresentarei nas paginas seguintes.

O PHILOSOPHO

Das aptidões philosophicas de Tobias Barreto ou do seu senso de philosopho, é bastante citar como prova o ensaio de psychologia com o titulo—*A sciencia da alma ainda e sempre contestada*, onde se revelam os primeiros traços do pensador—, embora tenha sido elaborado numa phase intermedia da evolução do seu espirito; as *Glosas heterodoxas a um dos motes do dia*, em que investe serradamente contra o que elle julgava ser pretensão da sociologia a enfileirar-se no quadro geral das sciencias; as *Notas a lapis sobre a evolução emocional e mental do homem*, com o fim de mostrar que o desenvolvimento da intelligencia obedece a um processo mais rapido do que o do sentimento, de forma a já pensarmos de um modo consentaneo com o progresso e ainda sentirmos conforme ás influencias hereditarias; *Uma Recordação de Kant*, que é um consciencioso e profundo voto em favor da *Crítica da Razão Pura* e em que se delineia, em toda sua amplitude genial, „o solitario de Königsberg.

Certo elle não creou um *systema* em nenhum desses trabalhos, criterio forçado para muita gente na designação de um philosopho; mas o folego amplo e as vistas largas de um espirito autonomo circulam em todos elles.

Se aquelle criterio fosse absoluto, Royer Collard se teria visto em condições precarias e irremediaveis passeando ao longo do Senna, na manhan em que foi nomeado professor da Sorbornna, segundo refere Taine.

Tinha relido na vespera a Biblia daquelle tempo, o famoso Condillac; e, no entanto, não poderia repetir-lhe as licções, «donde se exhalava um vapor de formulas materialistas e scepticas que iam litteralmente de encontro aos seus instinctos de christão e á austeridade irresistivel de sua moral».

Novo em philosophia, não tinha doutrina sua e, de qualquer forma, teria de fazer adopção de alguma.

De relance, elle percebe «no ba'cão de um calepino, entre um Crevier desaparelhado e o Almanach das Cosinheiras, um pobre livro esquecido, que ninguem, excepto o vento, houvera folheado».

Approxima-se e lê:—*Recherches sur l'entendement humain d'après les principes du sens commun, par le Docteur Thomas Reid*. Abre-o soffregamente e encontra uma refutação dos condillacianos inglezes.

—Quanto custa este livro?—inquiriu.

—Trinta *sous*, respondeu o mercador.

Acabava de ser obtida por dinheiro e ia ser fundada a nova philosophia franceza, conclue Taine: mas, apezar desse curioso e expressivo episodio, ninguem certamente contesta a Royer Collard o titulo de philosopho.

Se sujeitarmos a um exame, diz Ribot, os sentidos diversos desse titulo na linguagem corrente, nas discussões ou nos livros, surpreendem-nos a variedade de accepções a que elle se presta e a confusão que pode originar.

Um homem que descreve, analysa e classifica os phenomenos do pensamento, como Herbert Spencer ou Alexandre Bain, é denominado philosopho; aquelle que regula os costumes ou modela um ideal de conducta, assim tambem se pode chamar. Se alguem põe a logica ao nivel das descobertas recentes da sciencia, como Stuart Mill, ou disserta sobre as causas primeiras, merece o mesmo titulo.

Eis significações diversas, ás quaes, segundo Ribot, se poderiam juntar outras.

Os constructores de systemas são raros e nem por isso revelam maiores aptidões.

Ninguem recusa a Emmerson, Carlyle ou Renan o titulo de philosopho, e, no entanto, apesar do seu renome e do brilho immorredouros dos seus trabalhos, elles não construíram systemas.

Na opinião de Ernesto Hæckel todo homem instruido que pensa ou procura ter uma concepção determinada do universo, é um philosopho.

Tobias foi incontestavelmente um pensador e teve essa alta concepção a que se refere o professor de Iena.

Com inteira razão Sylvio Romero disse: «Em critica philosophica, além de ter sido elle quem iniciou a campanha seguida e vigorosa contra o extenuado espiritalismo ecclético de Victor Cousin e consocios, ensinando successivamente, como quem reformava seu proprio pensamento diante do publico, o naturalismo idea-

lista de Vacherot, o positivismo de Comte, o criticismo agnostico de Scherer e Renan, o pessimismo de Schopenhauer e Hartmann, o monismo de Hæckel e Noiré, parando definitivamente neste ultimo, cumpre advertir que aos conhecedores se deparam muitos casos originaes espalhados nos seus escriptos do genero. Deste numero é o que deixou dito contra Jouffroy, ácerca do papel da imaginação no facto da consciencia, e, contra Vacherot, do papel da memoria na mesma consciencia, até em se tractando de idéas, actos, paixões e sentimentos que formam, segundo a pretensão desse philosopho, o fundo e essencia da alma humana.

«O que escreveu do nenhum valor da ahega dos poetas, dramaturgos, romancistas, moralistas em psychologia, da impossibilidade desta traçar a historia de suas principaes descobertas de character subjectivo e fazer previsões exactas nos seus dominios. A replica ao alludido Vacherot, quando ensina que o espirito humano se observa de duas maneiras, na parte individual e na parte do seu ser.

«A analyse fina que fez, por quatro vezes diversas, da philosophia de Kant, principalmente naquella em que mostra que o pensador de Kœnisberg inutilisou para todo sempre o chamado racionalismo, de qualquer natureza e forma, não bastando affirmar portanto que demonstrára a impossibilidade da metaphysica como sciencia».

Pode servir-nos justamente de typo o seu ultimo ensaio a proposito de Kant, esse pensador que viveu com a regularidade do seu patricio o relógio da Cathedral de Kœnigsberg, na phrase pittoresca de Henri Heine. E' uma synthese suggestiva, como elle as sabia fazer.

Desde a primeira parte, consagrada á nossa esterilidade no dominio philosophico ; desde a exposição clara e segura da philosophia allemã nos diversos periodos do seu desenvolvimento no seculo passado ; desde os golpes desferidos no systema de Augusto Comte em desaggravo da *Critica da Razão Pura*, até o amago do assumpto desbocado com segurança, o seu notavel senso de philosopho não o abandona.

Por mais acerbas que nos pareçam, exprimiam uma inteira verdade estas suas palavras escriptas em 1874 e reproduzidas no trabalho citado :—«Que é a philosophia entre nós ? Simplesmente o nome de um preparatorio qua a lei considera preciso para se fazer o curso de certos estudos superiores. Fóra disto, ninguem ha que se interesse, que tome ao serio qualquer esforço de applicação e cultura philosophica. O ensino dessa disciplina official é uma coisa misera, e frivola em sua miseria».

Na obra posthuma de Paulo Rée lê-se que é preciso, para ser admittido nas Universidades allemãs, mostrar antes de tudo ter fé em Kant.

Em nossas bancas de exames, pode-se dizer que, por aquelle tempo e nesse dominio, o salvo conducto era ter fé na ignorancia.

E' o que se pode deduzir dessas palavras escriptas em 1877 no *Deutsher Kämpfer* e reproduzidas pelo seu auctor na *Recordação de Kant* : «O que de melhor se pode dizer a tal respeito é affirmar que o ponto de vista philosophico do nosso pretendido mundo sabio é caduco e imprestavel. Nem ha duvida que até as estrellas de primeira grandeza, os celebres pensadores e escriptores, só se assignalam pela sua fé implicita no velho Deus da theologia e da egreja. Nada sabem, nada comprehendem

do desenvolvimento da vida espiritual da actualidade».

Era uma triste verdade. Estavamos sob a influencia de escriptores educados no *ecclétismo cousiniano* ou nos principios dos reactores néo-catholicos á maneira de Balmés e Ventura de Raulica, ou, cousa muito peor, sob a direcção de professores sem doutrina, como aquelle nosso comprovinciano que, sendo eleito deputado geral ao lado de um Hypocrates anonymo e de um Quintiliano macambusio, mereceu de um jornal da Côte o seguinte conceito: «Pernambuco desta vez mandou á Camara um medico que não cura, um rhetorico que não falla e um *philosopho que não pensa*.»

Como attestado da nossa cultura philosophica existiam por aquelle tempo no Brazil o compendio de Mont'Alverne, que foi antes de tudo um orador, trabalho escripto em 1823 e só impresso vinte e seis annos depois, bebendo, a principio, a inspiração nas fontes do sensualismo e modificando-se no seu percurso até desaguar no estuario da philosophia ecclética; as *Investigações de Pyschologia*, do Dr. Eduardo França, em 1854, que, havendo principiado por ser materialista, se deixou depois arrastar pelos cantos de sereia da eloquencia cousiniana; os *Factos do Espirito Humano*, de D. J. G. de Magalhães, «uma repercussão, atenuada pelas distancias de estylo e de linguagem, das licções de Victor Cousin, sem um centimo de attenção pelos grandes descendentes de Kant, os triumviros da moderna philosophia da Allemanha—Fichte, Sheleling e Hegel—», nem por Jouffroy, o «serio e meditativo Jouffroy, esse Hamlet da philosophia», como por alguem foi chamado, de modo que fossem postos em re-

levo, segundo o entendeu Tobias Barretto, «as verdades e os erros desses nobres espiritos ;» a *Theoria da Affirmação Pura* do reverendo Patricio Muniz, procurando, como ainda hoje se faz em menor escala e com menos proveito, dar ao catholicismo o condão magico de motor da philosophia ; *La science et les systemes*, do pintor Pedro Americo, these escripta com a imaginação de artista e pobreza de dados scientificos.

No Recife, onde apparecera, no meiado do seculo, o Dr. Antonio Pedro de Figueiredo, arvorando a bandeira do livre pensamento, convencido de que «para a razão do homem só ha legitimos os dados da razão» ou acreditando que «tudo é ligado no systema da natureza, e que o mundo moral tem leis assim como o mundo physico», pontificava o Dr. Soriano de Souza desempoando, no seu *Compendio de Philosophia*, a velha escola de S. Thomaz de Aquino e proferindo convencidamente, do alto da sua cadeira do Curso Annexo, o *surge et ambula*.

E' certo que no periodo em que foram escriptas as palavras citadas com referencia ao nosso atrazo em materia philosophica, começavam a ser conhecidas as theorias expostas pelo Dr. Pereira Barretto no seu livro as *Tres Philosophias*; o trabalho do Visconde do Rio Grande—*O fim da criação ou a natureza interpretada pelo senso commum*, em que o auctor se revela sectario das doutrinas de Darwin; a these do Dr. Guedes Cabral, intitulada *As funcções do cerebro*, um bom estudo de psychologia sob o influxo dos principios da sciencias; e os *Ensaio e Estudos de Philosophia e Critica* do proprio Tobias Barretto, com um

folego de rebeldia e de novidade inconfundíveis.

D'aquelle periodo data o nosso avanço em questões philosophicas.

O auctor dos citados *Ensaio* e *Estudos* foi o formidavel propulsor desse extraordinario movimento, e depois d'elle Sylvio Romero, em 1879, com a *Philosophia no Brazil*, descarando a nossa miseria intellectual sob a couraça de um reformador.

Desde então, tantas têm sido as manifestações da intelligencia brasileira nesse terreno, nos trabalhos posteriores desses dois mestres e nos estudos de Clovis Bevilacqua, Martins Junior, Arthur Orlando, José Hygino, Annibal Falcão, Teixeira Mendes, Gumerindo Bessa, Fausto Cardoso, Egas Muniz, Tito Livio de Castro, Anselmo da Fonseca, Laurindo Leão, Pedro Lessa, Estellita Tapajós, Prado Sampaio, Farias Britto, Raul Azedo, Almachio Diniz, Araujo Jorge, que, actualmente, seria considerada uma injustiça a phrase de Tobias Barretto sobre ser uma cousa superflua «querer demonstrar que o Brazil não tem cabeça philosophica.»

E para nos servir de prova não precisaríamos outro elemento do que esse criterioso trabalho seu que estamos percorrendo com admiração e gaudio.

No entanto, ao tempo em que Tobias Barretto escreveu a *Recordação de Kant*, o solitario de Koenigsberg era considerado ainda no Brazil, por intermedio de Balmés, a causa da *desorientação philosophica* da Allemanha, o productur de doutrinas dissolventes e scepticas, ou de um dogmatismo exposto com extravagancia de linguagem em systemas disformes, Foi com inteira oportunidade que o sabio ser-

gipano, citando palavras de Helmholtz, na *Optica physiologica* a respeito de Kant, disse que este era ainda, «quem melhor e mais dignamente representava a direcção philosophica.»

E accrescentava : «E' mister, todavia, observar que a palavra philosophia deve ser aqui tomada em sentido restricto, significando unicamente aquella parte da sciencia que se occupa da theoria do conhecimento. Não se tracta da esthetica ou da ethica, mas somente da primeira das tres questões formuladas por Kant, nas quaes se concentra, segundo elle mesmo se exprimiu, todo o interesse da razão tanto especulativa como pratica; e a questão é a seguinte: *que posso eu saber?*»

Em seguida, alludindo a ter sido o solitario de Königsberg chamado por Augusto Comte o maior dos metaphysicos, Tobias diz: «Bem longe de ser Kant um architecto de castellos aereos, foi elle quem acabou de arrasar por uma vez o palacio encantado da velha fada que seduzira e perdera mais de um espirito superior. A philosophia critica, obra exclusiva de Kant, não surgiu senão como antithese da philosophia dogmatica, até então dominante; e o dogmatismo philosophico é justamente a metaphysica. Nos escriptos do philosopho encontram-se a cada passo os mais claros certificados da sua intuição inteiramente nova e diametralmente opposta ao modo de ver commum.

« Assim, por exemplo, elle diz :—«A asserção dos metaphysicos deve ser sciencia ou então é nada !»

E depois de ter citado outros conceitos de Kant com o fim de provar que elle não foi «um metaphysico em o sentido de um visionario», diz paginas adiante :

«O grande feito philosophico de Kant foi a indagação do órgão do conhecimento, o estudo da razão humana. Que é que a esta razão se pode attribuir como proprio, originariamente proprio, antes de toda e qualquer experiencia? A philosophia dogmatica tinha respondido até então: Deus, liberdade, immortalidade, eternidade etc. A philosophia sonsualista atalhava dizendo:—não ha tal, só existem formas sensiveis que a razão recebe do mundo exterior.

«Kant, porém, respondeu:—nenhuma outra cousa senão *espaço e tempo*. São estas formas puras e originaes, em que a razão funde todas as materias da sensibilidade externa e com cujo auxilio pomos em ordem o mundo inteiro. A actividade ordenadora da intelligencia (*Verstand*), que é quem eleva ao grau de effectivo conhecimento o material fornecido pela sensibilidade, se exerce por meio das cathegorias, que Kant admittia em numero de doze. Entretanto, como Kant mesmo não attribuia a estas cathegorias um valor *a priori* absoluto, não foi muito que Schopenhauer, segundo a sua propria expressão, atirasse-as todas pela janella, reservando somente a *causalidade*, em sua quadrupla raiz, isto é, como fundamento ou razão da *existencia*, do *desenvolvimento*, do *pensar* e do *querer*. Tal é a simples mechanica do nosso conhecimento.»

E' preciso porém notar que a respeito do celebrado auctor da *Critica da Razão Pura* as opiniões se chocam,

Remy de Gourmont, por exemplo, referindo-se ás festas civicas e litterarias em homenagem ao centenario de Kant, e ao facto de se ter fallado muito no seu methodo de vida ao passo que sobre o seu methodo de pensamen-

to apenas foram feitas allusões vagas, pergunta quem foi Emmanuel Kant. Um apriorista, responde, o que aliás foram os philosophos em todos os tempos desde Pláto até Buffon.

E se não são, ainda hoje, accrescenta, é porque a philosophia do aprioristico está em desuso, como a theologia dogmatica, eschatologica ou mystica.

Não se trata mais de subir á custa das azas aos cimos e depois descer ao mundo terrestre esquecido e negado. E' preciso partir deste mundo, e antes de tudo o conhecer. Depois se subirá eternamente sem jamais attingir os cimos, porque elles não existem.

No seu entender, a posição que tomava o famoso Kant na crista desta montanha immaculada—a Razão Pura, era uma attitude de theatro. Tinha alguma cousa de illusionismo. Não ha Razão Pura, accrescenta, como não ha montanhas de cristal. A razão é simplesmente uma palavra:—a expressão das maneiras as mais commodas de comprehender as relações multiplas que unem os elementos variados da natureza. «A razão é apenas uma unidade de medida, mas uma unidade necessaria e sem a qual haveria tal differença que nenhuma sociedade seria possivel. No entanto, esta necessidade não é anterior. O necessario, o razoavel é o que é; mas toda outra maneira de ser, desde que existisse, seria igualmente necessaria e razoavel.»

Continuando, Remy de Gourmont diz que o sabio de Kœnisberg passeiou os seu methodos em todos os dominios. Como não baseasse os seus raciocinios sobre cousa alguma registravel, conseguiu provar facilmente:—a liberdade, a immortalidade, a existencia de Deus, o absoluto

da moral christã e, geralmente, tudo o que fosse preciso provar para ser um eminente professor de philosophia. Mas não se tracta de expor os pormenores da philosophia de Kant,—diz elle; ella se exerceu sobre todos os assumptos da intelligencia e do sentimento, considerando-os todos do alto, como em projecção. Tal philosophia não tem mais valor.

«Precisamos de uma philosophia senhora de si, familiar e scientifica, sempre provisoria, sempre sujeita ao facto novo que vae necessariamente surgir, uma philosophia que não seja senão um commentario da vida, mas da vida inteira».

Outros entendem que o famoso pensador de Königsberg nos permite ver através de seu vidro que avoluma e concentra alguma das tendencias ainda esparsas, vagas, indeterminadas, que haveriam, algum tempo depois, de encher tão profundamente os dominios da sciencia. Para esses, desde os seus primeiros trabalhos claramente se vê quanto o auctor da *Critica da Razão Para* está impregnado das lições de Newton nos *Princípios da Philosophia Natural*, que elle aprendeu na Universidade, sob a influencia do seu mestre Knutzen; mas no meio disto quanta cousa atrasada nos seus escriptos. E' que elle, accentuam esses criticos, foi um excentrico, sem familia, sem convivencia, e sem os conhecimentos que as viagens fornecem.

Jamais sahio de Königsberg, jamais viu outra gente e outros horisontes. Tão irrevogavel era o seu habito de passeio diario, á hora certa, que o seu visinho de defronte podia dizer, sem medo de errar:—*são tres horas, o Sr. Emmanuel Kant vae fazer o seu giro*, quando elle descia á rua com a sua bengala debaixo do braço, so-

sinho, se era verão, ou acompanhado do seu famulo com o guarda chuva, se era em tempo de inverno.

Daquelle retiro, onde elle viveu oitenta annos, dissertou sobre as raças longinquas de que provavelmente não teve occasião de observar os typos; sobre os tremores e as transformações da terra de que elle conheceu apenas, e por alto, os aspectos do seu torrão natal; sobre os vulcões e os oceanos que jamais teve ensejo de ver; sobre animaes e plantas, sem que tivesse junto a si qualquer cousa a que se pudesse dar o nome de herbario ou museu.

E' de suppôr, acreditam, que esses defeitos de educação, juntos aos prejuizos das crenças recebidas no suave seio materno, tivessem, apesar da força do seu genio, influido poderosamente, ao declinar da vida, nos largos dominios da sua prodigiosa reflexão philosophica.

O fecundo auctor da *Historia da Creação Natural*, obedecendo ao seu ponto de vista, preferiu adoptar um meio-termo que lhe pareceu consentaneo com a justiça da posteridade em relação ao famoso philosopho.

Na sua opinião existiram, no isolamento de Koenigsberg, dois Kant — o n. 1, pensador da *Cosmogenia* monista e critico da *Razão Pura*, e o n. 2, inventor da critica dualista do julgamento e descobridor dogmatico da razão pratica. Kant n. 1 affirmara a formação e a origem mechanica de todo universo, conforme os principios de Newton, enumerando a formula de que o mechanismo é a unica explicação real de todos os phenomenos; Kant n. 2, ao contrario, subordinara o mechanismo á theologia. O 1.º demonstrara que os tres dogmas centraes da metaphysica:—Deus, liberdade e immortalidade

eram incognoscíveis e indemonstráveis ; o 2.º affirmara contradictoriamente que esses tres sym-bolos mysticos são postulados necessarios da razão pratica. E o venerando professor de Iena diz ainda :

—«A celebre obra da juventude de Kant—*Allegemeine Naturgeschichte und Theoria des Himmels*—era ousada e monista, porque elle tentava explicar a formação e a origem mecha-nica do universo segundo os principios de Newton. Essa arrojada tentativa, porém, não se firmou sobre as mathematicas senão quaren-ta annos depois, na *Exposição do systema do Mundo*, de Laplace, que foi um pensador im-pavido e um atheista consequente. E' muito co-nhecida a resposta que elle deu a Napoleão:— não haver lugar para Deus na sua *Mechanica Ce-leste*.

«No entanto, o solitario de Kœnigsberg achou no seu declinio que, se não é possivel provar a existencia de Deus, convem crêr nelle por motivo de ordem moral.

«Tudo isto o levou a construir um mundo á parte, *supersensível*, de que a existencia nos é provada pela consciencia moral, tornando assim a razão pura subordinada á razão pra-tica».

Hæckel tem razão até certo ponto, porque, effectivamente, o sabio de Kœnigsberg, admittin-do o mechanismo em todo mundo inorganico, chegou á inconsequencia de o não acceitar nos ramos superiores da biologia e da sciencia do homem, convencido de que teleologia e mecha-nismo são termos que se repellem.

Escrevendo a proposito das criticas do pro-fessor de Iena ao sabio de Kœnigsberg, Hart-mann por sua vez disse : «Em a natureza, a te-

leologia e o mechanismo se portam exactamente como as ideias de alvo e meio; um não pode existir sem outro; são reciprocos. Se se tiver, porém, de admitir o predominio de um dos dois, esse pertencerá á teleologia, porque o meio existe em virtude do fim e não o fim em virtude do meio. No fundo ambos são momentos de um mesmo *processo logico*».

Tobias Barretto conhecendo, provavelmente, a critica de Hartmann, se deixou ficar no ponto de vista estreito de Emmanuel Kant, admitindo com elle a divisão em causas mechanicas e causas teleologicas, na supposição falsa de haver no mundo uma parte de mechanismo e outra de teleologia, o que não era consentaneo com as ideias de um adepto da philosophia de Noiré.

Apezar desse desvio, a sua *Recordação de Kant* é um trabalho de mestre.

Outros terão dado um estudo muito mais desenvolvido a proposito da influencia do kantismo na Allemanha, ou sobre os seus discipulos mais ou menos desvirtuadores do seu systema; no meu entender, raros têm a claresa convincente e a expressão synthetica das paginas de Tobias. No Brazil não sei que se tenha escripto sobre o mesmo assumpto cousa que possa merecer as honras de um confronto.

Não admitindo a inimisade que até o divino Schiller aconselhára entre a philosophia e as sciencias naturaes, o autor dos *Estudos Allemaes* foi um philosopho no sentido de que a philosophia é o corôamento das sciencias ou a synthese das suas leis.

Foi assim que elle o entendeu em todos os assumptos de que se occupou, em todos deixando mais ou menos accentuado o seu espi-

rito philosophico, ou os traços inapagaveis da sua orientação de pensador.

Aos que o accusam de não ter uma ordem macissa de ideias, um todo systematisado nos seus escriptos, elle poderia ter respondido, a exemplo de Taine no prologo dos *Philosophos Classicos*: «Um livro de refutação não é um livro de theoria; por isso eu não tive que produzir um systema. O meu fim, antes de tudo, foi indicar uma direcção».

E não foi só isto.

A originalidade philosophica de um periodo tanto deve ser procurada nas obras cyclopicas dos philosophos, aquelles que fizeram da philosophia o officio ou objecto de uma longa e pertinaz meditação, como nas obras dos poetas, dos moralistas, dos auctores de romances e dramas.

A França teve no XVII seculo Descartes e Malebranche; mas ao seu lado viveram Pascal e la Rochefoucauld. Quem era o auctor das *Maximas*? «Um agitador politico que se repousava das intrigas *manquées* junto de algumas mulheres de espirito. Foi, entretanto, o que primeiro, depois de Rogerio Bacon, é certo, ousou dizer que a intelligencia e a virtude, do mesmo modo que a força e a belleza, são funcções da physiologia».

Esses conceitos escriptos a proposito da philosophia de *Sthendal* vêm a talho de foice.

Taine disse que o *Le Rouge et le Noir*, livro que elle releu umas sessenta vezes, trouxe á historia do coração processos scientificos, «determinando-lhe os fundamentos» —, nacionalidades, climas, condições pessoaes, — vendo os «sentimentos como naturalista e como physico».

Chegou-se a afirmar que o grande critico da *Littérature Inglesa* não teria escripto a sua *Philosophia da Arte*, se não houvesse conhecido a *Historia da Pintura na Italia* escripta com a profunda nostalgia dos feitos heroicos de Bonaparte; que elle não teria explicado as tragedias de Racine se não fosse a influencia de Sthendal; que o antepassado mais proximo do Sr. Frederico Thomaz Graindorge foi o *touriste* das *Mémoires*; que, emfim, em seu esboço da vontade, Taine retirou das obras de Beyle, e notadamente da *Chartreuse de Parme*, um grande numero de provas.

Ora, se é possível dizer tudo isso de Henry Beyle que «atravessou o seu periodo litterario sem ser comprehendido, como se atravessa um paiz estrangeiro de que se não sabe a lingua», e teve apenas as honras espirituaes da gloria posthuma; calcule-se o que se pode dizer do espirito philosophico de Tobias Barretto influindo poderosamente no seu meio, como alguém que tivesse feito a drenagem de uma lagoa morta e depois lhe tivesse trazido novos mananciaes.

Garcia Mérou teve a pacholice de escrever o seguinte: «O que eu acho é que nada do que diz Tobias Barretto é uma novidade para os espiritos cultos de nossa epocha, para os mais ou menos esclarecidos que tenham frequentado bibliothecas e estejam um pouco ao par do movimento das letras na Europa».

Seria engraçado, se não fosse injusto.

—Existiam na Europa os livros e as obras d'arte que attestavam a cultura dos antigos, e, no entanto, todo esse thesouro do genio e da sciencia teria ficado para sempre envolto nas

sombras espessas da Idade Média, se não tivesse apparecido o espirito da Renascença.

Aos que percorrem hoje, no aconchego palaciano dos grandes paquetes, os mares abertos á civilização, parece um simples romance de aventuras a tragedia dos que venceram outr'ora o mar tormentoso, luctando a bordo com a furia das tempestades e os horrores do escorbuto.

Onde, ha trinta annos passados, o diplomata argentino encontrava, no seio da sua vaidosa gente, as ideias pregadas pelo auctor dos *Estudos Allemães*? Qual o espirito arrojado do Prata que, ao tempo de Tobias, as propagou? E note-se que o nosso patricio não foi um innovador de ultima hora.

Só pelo mais irracional capricho, diz Sylvio Romero, ou pela mais inexplicavel ausencia de senso historico, é possivel negar valor e efficacia no Brazil aos movimentos delle partidos—do *integralismo social*, em poesia, do *germanismo*, em litteratura, do *monismo evolucionista*, em philosophia e direito.

E accrescenta, como uma consideração de nota, que os grupos constituintes das tres phases da Escola do Recife—a poetica, a critico-philosophica e a juridica—do seu inicio ao seu fim, não foram os mesmos,—succederam se, havendo, entretanto, um factor permanente, que os presidiu sempre, e esse foi, sem cousa que duvida faça, o auctor dos *Estudos Allemães*.

Desasisada é a teima, diz ainda Sylvio Romero, de pretender transformar um critico em o que os francezes chamam, com evidente espirito de mofa, *un theoriste, un faiseur de systeme*.

«E todavia, tantas são as ideias novas, os pontos de vista originaes que se deparam nos

escriptos do grande ensaista brasileiro, que ousou chamar rarissimo o trabalho seu em que não surjam a facilmente ser notados pelos olhares competentes».

Em todas as suas produções, se não fôr possível descobrir, como o entende Arthur Orlando, a unidade de vistas em virtude da qual ellas se prendem e se combinam formando um todo harmonioso, certo será muito facil reconhecer o que, na sua notavel ponderação, Clovis Bevilacqua resolveu chamar a identidade ethologica, a persistencia do temperamento do homem.

E não é pouco, porque foi através desse temperamento excepcional que elle apurou, como se fosse numa retorta, as ideias emergentes no velho mundo, produzindo ensaios, que se destacam por diversos aspectos inconfundiveis e podem «supportar confronto com os de não importa que escriptor fortemente blindado pela cultura moderna».

A affirmação de que as suas ideias não representam novidade alguma, porque são encontradas hoje nos livros e, por isso mesmo, são accessiveis aos que estudam, é pueril.

As ideias de Spencer são agora correntes na parte occidental do mundo. Do seu patrimonio de glorias a maior foi a de ter introduzido a ideia da evolução na philosophia geral. E, no entanto, é uma ideia velha.

Os philosophos anteriores a Socrates e a Platão, entre os quaes Hesiodo, Heraclito, Anaxagoras foram claramente evolucionistas.

A noção recente de que «a fauna terrestre é uma transformação da fauna marinha» foi exposta por Anaximandro.

E' primitiva, portanto, a ideia da evolução. Modernamente, depois das affirmações de

Lamarck, na *Philosophia Zoologica*, de Lyell com relação á Geologia, e do famoso Darwin, na *Origem das Espécies*, Spencer tentou submeter-lhe o mundo inteiro dos phenomenos.

Fossem agora dizer os criticos que as conclusões de Spencer não têm valor, porque se ligam, por cima de vinte seculos, ao mundo grego e porque são hoje correntes no gremio dos intellectuaes !...

Mereceriam o desprezo esses criticos.

Pois estão a merecer igual desprezo os que contestam a intuição philosophica de Tobias, sob o irrisorio pretexto de que as ideias geraes dos seus ensaios são encontradas em livros hodiernos.

PHAELANTE DA CAMARA.

